Cães & Gatos

Ano 42
nº 323
Jul/2026

MEDICINA VETERINÁRIA DE QUEM CONHECE, PARA QUEM F

DC7 COMUNICA



ZOOM
EXERCÍCIO ILEGAL DA MEDICINA VETERINÁRIA AGORA É CRIME

ENTREVISTA
FERNANDO FERREIRA, DOUTOR EM SAÚDE PÚBLICA, APRESENTA UM PANORAMA DAS ZOONOSES NO BRASIL E NO MUNDO

FELINOS
OS RISCOS DA OBSTRUÇÃO URETRAL EM GATOS

MAIS CIÊNCIA, MENOS EXCESSOS

TECNOLOGIAS INOVADORAS E NOVAS RECOMENDAÇÕES TRANSFORMAM A FORMA DE **PREVENIR DOENÇAS** EM CÃES E GATOS





Quando o assunto é pele sensível...

Atopivet® é a primeira coleira dermatológica para cães e gatos no Brasil. Uma tecnologia vestível com **Biosfeen** e matriz TPU*, que libera lipídeos essenciais de forma contínua, promovendo hidratação e suporte à barreira cutânea.

Atopivet® Tecnologia sentida na pele

*Matriz de Poliuretano Termoplástico
Adaptável para cães e gatos de todos os portes (35 e 75 cm).
Resistente à água e compatível com outras coleiras.
Trava de segurança anti-enforcamento para gatos (apresentação 35 cm).

Dechra

DC7 COMUNICA

Cães & Gatos

FUNDADOR
Osvaldo Penha Ciasulli (MtB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO
Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA DE NEGÓCIOS
Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO
Danielle Assis (MtB: 83.299)
danielle@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB
Stéfani Campos Chagas (MtB: 93.684)
stefani@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE
Daniel Guedes (MtB. 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE ADMINISTRATIVO / RELACIONAMENTO COM CLIENTE
Bianca Fagundes
bianca@dc7comunica.com.br

SOCIAL MEDIA
Gustavo Cotrim Dias
gustavo@dc7comunica.com.br

MARKETING / EVENTOS
Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
Ana Falcão Gierlich, Ana Purchio, CRMV-SP, Edgard Salomão Júnior, Erika Pereira, Franciele Pavei, Gabriela Mura, José Luiz Tejon, Monique Paludetti, Raquel Naomi Tanaka Scaduto, Rebecca Vettore e Thais Ximenes

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 nº 011391/90.

Periodicidade: Mensal

PRINTED WITH SOY INK

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C104329

UMA SÓ SAÚDE

Nos últimos anos, diversos foram os debates sobre One Health, ou como é chamado no Brasil, Saúde Única. O conceito trata da conexão entre a saúde animal, humana e do meio ambiente.

Pensada para destacar temas importantes, como o Julho Dourado, que se tornou lei em 2026, e o Dia Mundial das Zoonoses, celebrado em 6 de julho, esta edição apresenta, nas próximas páginas, discussões sobre a importância da vacinação e da prevenção de doenças para promover bem-estar e saúde não apenas aos animais, como também aos seus responsáveis.

A matéria de capa traz os principais desafios e as recomendações mais recentes no que tange a imunização de cães e gatos.

Dentre os entrevistados está a presidente do Comitê de Vacinações da Associação Mundial de Veterinários de Pequenos Animais (WSAVA), Mary Marcondes, que ao falar sobre a vacinação de cães foi enfática e destacou a importância de concentrar os esforços em aumentar o número de cães vacinados, especialmente filhotes, em vez de focar excessivamente na revacinação anual de animais já protegidos.

Além disso, o conteúdo desmistificou a necessidade de vacinação anual contra algumas doenças e destacou quais vacinas, realmente, devem ser aplicadas todos os anos nos animais domésticos.

Já a entrevista do mês trouxe um panorama do cenário atual das zoonoses no Brasil e seu impacto na saúde humana e animal.

Nas próximas páginas desta edição, você ainda irá encontrar conteúdos sobre resistência microbiana, obstrução uretral em gatos, a criminalização do exercício ilegal da Medicina Veterinária, que é uma grande vitória para o setor, e muito mais.

Boa leitura!



Jaqueline Ridolfi
Diretora Comercial e Editorial

» NO MIOLO

| PETBUSINESS

10 › FORMAÇÃO COMPLEMENTAR
O boom das especializações veterinárias

| ZOOM

12 › EXERCÍCIO ILEGAL
Vitória para a Medicina Veterinária
28 › RESISTÊNCIA BACTERIANA
Antibioticoterapia em cães e gatos

| RADAR PET

21 › BOEHRINGER INGELHEIM
Vacinação fortalece combate à FeLV
40 › SOFT CARE
10 anos no mercado veterinário
41 › QUATREE
Probióticos na nutrição de cães e gatos

| VETERIANÊS

22 › JULHO DOURADO
Imunização sob medida
32 › SÍNDROME DA CAUDA EQUINA
Quando a dor vem da coluna
42 › FELINOS
Obstrução uretral em gatos
46 › FELINOS
Cytauxzoonose
48 › ESPECIALIDADES
Anemia hemolítica imunomediada
50 › ABCD DO TRAUMA
Guia para manejo do paciente em situação emergencial

| PETFOOD

34 › TRANSPARÊNCIA QUE GERA CONFIANÇA
Special Dog Company divulga relatório de sustentabilidade

| OUTROS AUTORES

36 › ADIMAX
Microbiota intestinal e doenças sistêmicas
38 › GORDURA
Um nutriente essencial na alimentação de cães e gatos
52 › PET SILVESTRE
Instinto de ocultação da dor

| COBERTURA

54 › CAT CONGRESS 2026
Felinos no centro do palco

| PONTO FINAL

58 › PESQUISA CIENTÍFICA
Nova forma de avaliar a composição corporal de gatos

| SEÇÕES

› Editorial **3**
› On-line **6**
› Boletim Paulista **8**
› Guia Jurídico **16**
› Marketing **45**
› Mercado **55**
› Tejon **56**



Linha ProbioUp®

O Up que faltava na saúde intestinal dos pets!

O equilíbrio da microbiota intestinal é um dos pilares da saúde dos pets.

Quando o microbioma está em **equilíbrio**, o organismo responde e o bem-estar se traduz em mais **conforto, vitalidade e qualidade de vida**.

É a partir desse olhar que a **Vetnil®** apresenta a **Linha ProbioUp®**, sua **nova linha de suplementos simbióticos**, desenvolvida com base em estudos científicos com combinações de cepas e nutrientes específicos para cães e gatos, **contribuindo para o equilíbrio da microbiota intestinal e ampliando as possibilidades de cuidado**.

Lançamento



saiba mais:

vetnil.com.br

VETNIL®

Stéfani Campos Chagas, da redação | **stefani@dc7comunica.com.br**



COPA DO MUNDO, INVERNO E SAÚDE ANIMAL: OS TEMAS QUE MOVIMENTARAM JUNHO NO UNIVERSO PET

JUNHO reuniu pautas que conectaram saúde animal, comportamento, conscientização e acontecimentos que marcaram o período dentro e fora do universo pet. Ao longo do mês, o portal **Cães&Gatos** acompanhou temas relevantes para profissionais e responsáveis, ampliando debates sobre prevenção, bem-estar e qualidade de vida dos animais.

Entre as campanhas e datas comemorativas estiveram conteúdos relacionados ao Junho Violeta, mês de conscientização sobre as doenças oftálmicas em pets, além de pautas sobre o Dia de Abraçar o Gato e o Dia da Imunização.

O mês foi marcado pela Copa do Mundo, que inspirou matérias especiais voltadas ao relacionamento entre pessoas e animais. Histórias sobre mascotes de Copas anteriores, produtos temáticos e ações ligadas ao clima de torcida estiveram entre os assuntos trabalhados, aproximando um dos maiores eventos esportivos do planeta do cotidiano dos responsáveis.

O inverno também ganhou espaço na programação editorial. Entre os destaques estiveram orientações sobre doenças respiratórias, cuidados sazonais e medidas preventivas para proteger cães e gatos durante os períodos de frio.

Na agenda de eventos, participamos do Cat Congress 2026, realizando uma cobertura completa do encontro e das discussões atuais voltadas à Medicina Felina.

Mais do que acompanhar eventos e datas sazonais, junho reforçou o compromisso da **Cães&Gatos** em conectar informação, ciência e mercado por meio de conteúdos voltados à rotina de profissionais e responsáveis, acompanhando os temas que estiveram em evidência ao longo do mês.

Entre os conteúdos que mais engajaram os leitores em junho, destacam-se:

1 UROLITÍASE EM GATOS FILHOTES ACENDE ALERTA PARA DIAGNÓSTICO PRECOCE E PREVENÇÃO

O aumento de cálculos urinários em felinos filhotes reforça a importância do diagnóstico por ultrassonografia e do estímulo à hidratação desde os primeiros meses. Esse cuidado ajuda a prevenir crises obstrutivas e recidivas graves em pacientes jovens, que vêm apresentando esse perfil de doença.

2 SAÚDE MENTAL EM CÃES E GATOS: COMO SABER QUANDO O COMPORTAMENTO É UM PEDIDO DE AJUDA

O crescimento de diagnósticos de distúrbios psicológicos e alterações graves de comportamento em cães e gatos reforça a necessidade de os responsáveis investirem em enriquecimento ambiental e consultas comportamentais para proteger a saúde mental e o equilíbrio emocional dos animais de estimação.

3 JUSTIÇA DETERMINA TRANSFERÊNCIA DO ELEFANTE SANDRO PARA SANTUÁRIO EM MT

Após viver mais de 40 anos no Zoológico de Sorocaba (SP), o elefante Sandro terá seu destino mudado por uma resolução da Justiça que exige sua ida ao santuário em Mato Grosso, impulsionando técnicos a organizarem um transporte humanizado focado na adaptação voluntária do animal à caixa de viagem.

Foto: banco de imagens C&G

SUPLEMENTAR NUNCA FOI TÃO FÁCIL!

Pet ALIVIRA

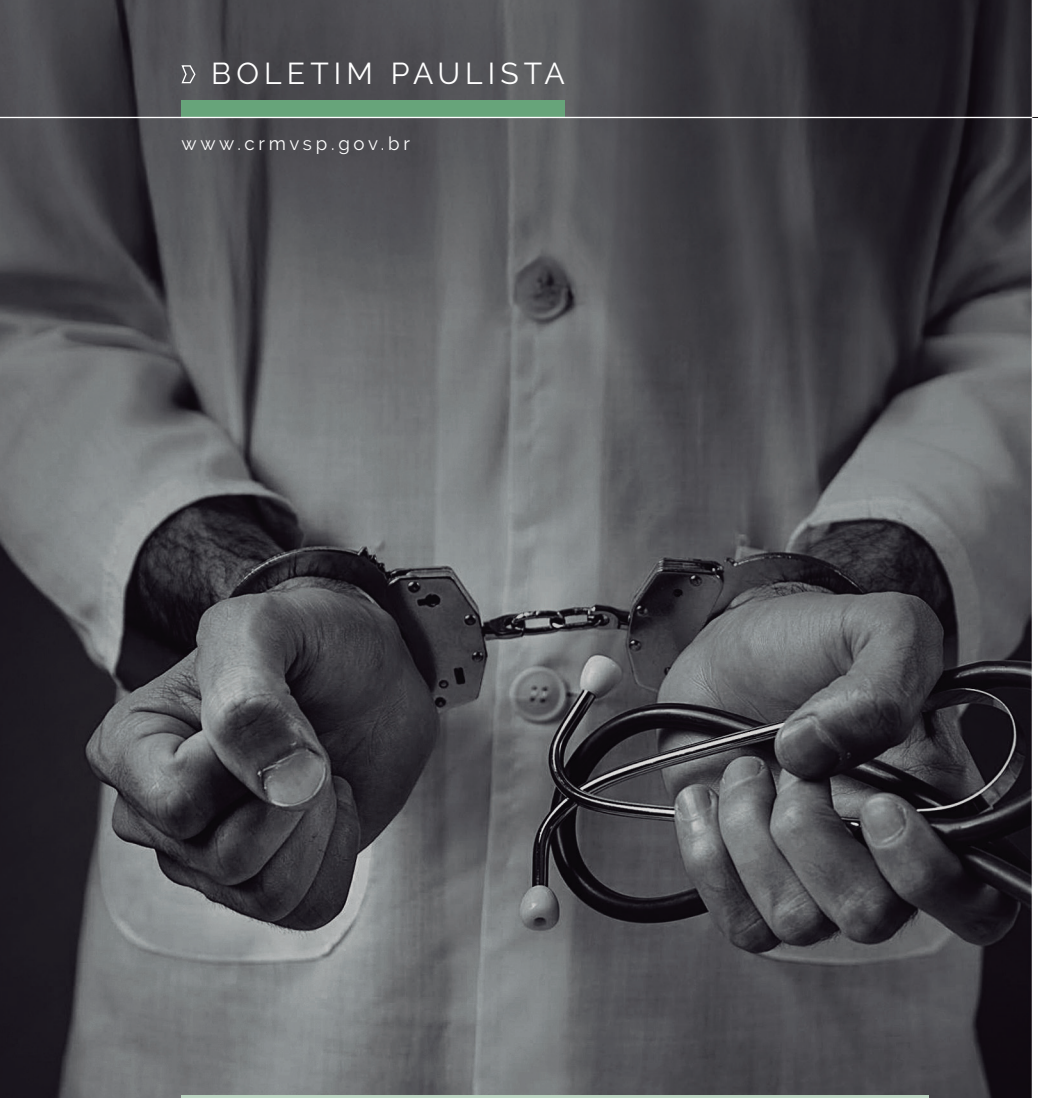
TABLETES MASTIGÁVEIS ALIVIRA PET

- Altamente **palatável**
- **Fácil** administração
- Formulado para **uso diário**
- **Dosagem adequada** por peso do animal

Os produtos Alivira Pet que você já conhece, agora também na versão mastigável!



/alivirapet



Exercício ilegal agora é crime!

A LEI Nº 15.425/2026 passou a tipificar como crime o exercício ilegal da Medicina Veterinária no Brasil, prevendo pena de detenção de seis meses a dois anos, com agravantes em casos de lesão grave ou morte. Em São Paulo, os primeiros desdobramentos da nova legislação já foram registrados durante a Operação Regional "De Olho no Plantão", quando o CRMV-SP identificou dois casos em estabelecimentos do interior, nas cidades de São José do Rio Preto e Ribeirão Preto.

A vice-presidente do Regional, Carolina Filippos, atuou ao lado do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) nas articulações políticas que contribuíram para a aprovação da medida, reforçando o posicionamento do Sistema em defesa da profissão.

A mudança representa um avanço ao fortalecer o bem-estar animal, a saúde pública e a valorização da atuação profissional habilitada, além de evidenciar os riscos associados à prática irregular, que pode gerar danos aos animais e impactos à sociedade. A nova legislação consolida o entendimento de que apenas profissionais habilitados podem exercer a Medicina Veterinária, corrigindo uma distorção histórica.

Júri simulado

O CRMV-SP realizou, em Pirassununga, uma atividade prática com estudantes do primeiro ano de graduação em Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP). A iniciativa consistiu em uma simulação de júri ético-profissional, com o objetivo de aproximar os futuros profissionais da atuação do Conselho e da dinâmica dos processos éticos na área.

Durante a atividade, os alunos participaram de um julgamento simulado, assumindo diferentes papéis e vivenciando as etapas de um processo disciplinar. A ação integra o compromisso institucional com a formação ética desde o início da graduação. A atividade contou com o acompanhamento da coordenação do curso e evidenciou a importância da aproximação entre o Conselho e o ambiente acadêmico, contribuindo para que os estudantes compreendam, na prática, o funcionamento das instâncias éticas e a responsabilidade profissional na Medicina Veterinária.





Suspensão de exportações de carnes brasileira

O CRMV-SP manifestou preocupação diante da decisão da União Europeia de excluir o Brasil da lista de países autorizados a exportar carnes, produtos de origem animal e animais vivos destinados ao consumo humano. A medida, anunciada em 12 de maio de 2026 e válida a partir de setembro, foi atribuída pelas autoridades europeias à insuficiência de garantias sobre o controle do uso de antimicrobianos na agropecuária brasileira.

O Conselho ressalta, no entanto, que o País mantém rigorosos mecanismos de monitoramento sanitário, assegura a qualidade e segurança dos alimentos produzidos e destaca a atuação essencial dos médicos-veterinários em toda a cadeia produtiva. **Leia a nota na íntegra em: www.crmvsp.gov.br.**

Sipeagro

O CRMV-SP acompanhou as dificuldades enfrentadas por médicos-veterinários na utilização do Sistema Eletrônico Integrado de Produtos e Estabelecimentos Agropecuários (Sipeagro), utilizado pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), e após receber relatos sobre instabilidades e desafios operacionais na plataforma, encaminhou as demandas da categoria ao CFMV.

A iniciativa reforçou o compromisso institucional do Conselho em representar os profissionais do estado de São Paulo e atuar de forma propositiva junto às instâncias competentes, em defesa de melhores condições para o exercício profissional. O Regional segue acompanhando o tema, buscando contribuir para o aperfeiçoamento do sistema e para o atendimento das necessidades da categoria.

Love Data Day

O CONSELHO integrou, pela primeira vez, o Love Data Day Brasil 2026, em iniciativa que marcou a participação oficial da Revista MV&Z como a primeira publicação das Ciências Agrárias a aderir ao movimento.

Realizado em 12 de junho, em formato on-line e gratuito, o evento reuniu estudantes, pesquisadores e profissionais e abordou temas como ciência aberta, gestão de dados, integridade científica, boas práticas em pesquisa e uso responsável da inteligência artificial.

A participação do Regional reforçou seu compromisso institucional com o fortalecimento da ciência, da inovação e da educação continuada, além da disseminação de conhecimento qualificado. A iniciativa também evidenciou o alinhamento do CRMV-SP com debates contemporâneos sobre transparência, cultura de dados e qualificação técnico-científica, ampliando a aproximação com a comunidade acadêmica.

Assista ao evento na íntegra: **www.youtube.com/tvcrmvsp**

Gestão de carreira para mulheres

NO DIA 23 de julho, o CRMV-SP promove mais um encontro do Curso Saúde Mental da Mulher, iniciativa voltada exclusivamente para médicas-veterinárias e zootecnistas. Nesta etapa, será abordado o tema "Gestão de carreira para mulheres", conduzido pela médica-veterinária Vanesa Kutz. A ação integra a agenda anual do Regional dedicada à promoção da saúde mental e ao fortalecimento profissional feminino.

O curso propõe reflexões sobre os desafios enfrentados pelas mulheres ao longo de suas trajetórias, incluindo temas como autocuidado, desigualdade de gênero, desenvolvimento de carreira e impactos do contexto social no exercício profissional. Ao longo dos encontros, a iniciativa busca incentivar o apoio mútuo, ampliar o debate sobre bem-estar e contribuir para a qualificação e valorização das profissionais. **Inscrições: www.crmvsp.gov.br.**



Fotos: banco de imagens e divulgação

O BOOM DAS ESPECIALIZAÇÕES VETERINÁRIAS

CADA VEZ MAIS PRESENTE NA ROTINA, A ATUAÇÃO ESPECIALIZADA EXIGE FORMAÇÃO RIGOROSA E REACENDE O DEBATE SOBRE **A IMPORTÂNCIA DA BASE CLÍNICA GENERALISTA**

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br



A forma como a Medicina Veterinária é praticada mudou muito nos últimos anos. Antes, grande parte dos profissionais eram clínicos gerais, executando desde consultas preventivas e de rotina até cirurgias e acompanhamento de casos complexos.

Com a oferta de diferentes especializações esse cenário foi se alterando, o que deixou a veterinária ainda mais próxima da Medicina humana.

Contudo, se antes os "especialistas" eram raridade, hoje eles são comuns, levantando um debate sobre o excesso de especializações e a importância de consolidar primeiramente os conhecimentos como clínico geral para somente então ir em busca de uma prática mais direcionada.

Para Diogo Alves da Conceição, médico-veterinário e presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do estado do Rio de Janeiro (CRMV-RJ), alguns foram os motivos para o aumento das especialidades no setor. "O aumento expressivo das especializações deve-se à humanização dos animais de estimação, ao avanço científico e tecnológico — que aproximou a Medicina Veterinária da Medicina humana em termos de complexidade de diagnósticos —, e à saturação do mercado generalista, impulsionada pela abertura massiva de faculdades no país", analisa.

No entanto, da mesma forma que essa busca por conhecimento seja positiva, também requer atenção.

Segundo Conceição, o aumento de profissionais especializados eleva a qualidade dos cuidados e a expectativa de vida animal, além de impulsionar a rentabilidade das clínicas, com serviços que podem custar até cinco vezes mais que uma consulta geral. "Em contrapartida, gera maior exigência de investimentos contínuos e eleva a concorrência nas grandes cidades, visto que determinadas especialidades concentram-se fortemente em centros urbanos, requerendo que o profissional desenvolva forte estratégia de marketing e networking para se consolidar", explica.

Além disso, a dependência excessiva de profissionais especializados pode causar desvalorização do clínico geral, visto que muitos responsáveis acabam deixando de lado a etapa do diagnóstico primário e buscam diretamente o especialista.

ENTENDENDO AS NOMENCLATURAS. Especialista ou especializado? É comum existir a dúvida sobre qual é a forma certa de se referir ao profissional. De acordo com o presidente do CRMV-RJ, na Medicina Veterinária



essa distinção vai além de um detalhe semântico, envolvendo ética e regulamentação formal.

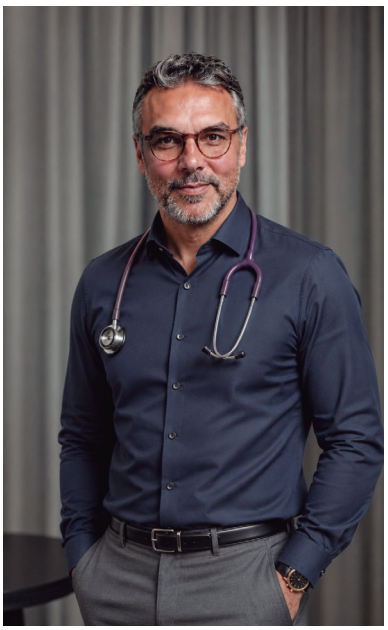
De forma simplificada, especialista é quem possui o título oficialmente reconhecido e registrado no conselho. Por outro lado, especializado indica que o profissional fez cursos de aperfeiçoamento, mas não possui a titulação formal.

Inclusive, conseguir o título de especialista não é simples e requer uma série de validações. "Para ser considerado especialista o veterinário deve passar pelo processo seletivo promovido pelas sociedades, associações e colégios habilitados pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV). Depois de aprovado, em até 180 dias deve solicitar o registro de especialista ao Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV) no qual está inscrito. Em seguida, a análise do regional é enviada ao CFMV para deliberação final", esclarece.

Outro ponto importante é que, antes mesmo de se inscrever, o profissional precisa apresentar títulos na área específica reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC), seja de especialização, residência, mestrado ou doutorado.

Também é necessário comprovar, pelo menos, cinco anos de atividades na especialidade e realizar cursos de pós-graduação lato ou stricto sensu. Caso o veterinário não tenha títulos, deve comprovar oito anos de experiência na área em questão.

"O registro de especialista é formalizado por resolução e o título é válido por cinco anos, podendo ser renovado por igual período desde que comprovada a atuação contínua na área. Para isso, é necessário apresentar documentos comprobatórios, como a participação em cursos e palestras, publicação de artigos, serviços de consultoria e coordenação ou orientação em programas de residência ou em cursos de graduação. Caso contrário, o registro de especialista será cancelado", detalha Diogo.



Diogo Alves da Conceição é médico-veterinário e presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do estado do Rio de Janeiro (CRMV-RJ)

A norma atual permite o registro de até dois títulos de especialista por profissional e prevê a concessão de carteira específica com indicação da especialidade.

Além disso, o médico-veterinário que se intitula especialista sem observar as regras comete infração ética prevista no inciso XIV do art. 8º da Resolução CFMV nº 1.138/2016 e está sujeito a penalidades. "O profissional está passível de responder a eventuais fiscalizações do conselho quanto à veracidade da divulgação de sua especialidade, visto que a concessão e o registro de títulos de especialista são regidos pela Resolução CFMV nº 1.572/2023", cita.

ESPECIALIDADES TAMBÉM DEVEM SER RECONHECIDAS. Mais do que comprovar a experiência e a formação complementar, para conseguir o título de especialista é necessário que o veterinário esteja associado a uma entidade reconhecida. Segundo a regulamentação atual, para solicitar a habilitação ao CFMV a entidade deve estar formal e regularmente constituída há, no mínimo, cinco anos e congregar profissionais de, pelo menos, cinco unidades da federação.

Precisa, ainda, comprovar os eventos realizados nos cincos anos anteriores ao pedido de habilitação, a fim de evidenciar a capacidade de oferecer cursos de formação continuada aos especialistas.

Essas instituições podem também promover cursos de especialização, desde que tenham carga horária mínima de 500 horas a ser cumprida em, no máximo, três anos, sendo 400 horas dedicadas à área específica e 100 horas a atividade prática.

"Assim como o registro de título do profissional, a habilitação de entidade é publicada em resolução específica e válida por cinco anos, podendo ser renovada por igual período. Atualmente, 17 entidades possuem habilitação do CFMV para concessão de título de especialista", pontua o presidente.

É válido ressaltar que as especialidades na Medicina Veterinária são regulamentadas pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) e a própria autarquia não concede os títulos diretamente, mas credencia associações e colégios de classe para essa função.

ESCOLHA CERTA. Se a ideia é conquistar o título de especialista, é necessário definir de forma assertiva o complemento da graduação. A residência, por exemplo, é baseada em uma prática intensiva, mantendo o profissional totalmente integrado à rotina hospitalar. Porém, até o momento o CFMV não considera a residência como uma especialização. Já a pós-graduação lato sensu convencional tem predominância teórica e pode ser usada como formação para conseguir o título. Além disso, é necessário entender qual a melhor hora de ingressar em uma pós-graduação ou residência.

Por mais que não exista um consenso, Diogo comenta que a graduação fornece uma visão global da Medicina Veterinária e atuar como generalista ou estagiário/voluntário por um ou dois anos ajuda o profissional a desenvolver o raciocínio clínico, habilidades de comunicação com responsáveis e até fazer uma gestão adequada do consultório. "Outro ponto é que muitos recém-formados ainda não têm certeza de qual área seguir. Logo, adquirir experiência prática antes de investir tempo e dinheiro em uma pós-graduação evita escolhas precipitadas", aconselha. ◘

Fotos: banco de imagens CSG e divulgação


190
180
170
160
150
140
130
120
110
100
90
80
70

VITÓRIA PARA A MEDICINA VETERINÁRIA!

CRIMINALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO ILEGAL DA PROFISSÃO SE TORNA REALIDADE E PROTEGE NÃO APENAS MÉDICOS-VETERINÁRIOS, COMO TAMBÉM OS ANIMAIS E A SOCIEDADE

› **DANIELLE ASSIS**
danielle@caesegatos.com.br

"É um divisor de águas e uma conquista histórica". Assim define a presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFVM), Ana Elisa Almeida, a criminalização do exercício ilegal da Medicina Veterinária no Brasil, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A Lei nº 15.425, que entrou em vigor em 8 de junho de 2026, determina que quem exercer, mesmo gratuitamente, a profissão de médico-veterinário sem autorização legal ou além dos limites permitidos, poderá ser punido com detenção de seis meses a dois anos. Se o crime for praticado com finalidade de lucro, também poderá ser aplicada multa.

Segundo Ana Elisa, até a sanção da nova lei, o exercício ilegal era enquadrado apenas como contravenção penal (Art. 47 da Lei de Contravenções Penais), cuja punição se limitava somente a penas alternativas ou multas irrisórias, gerando uma crônica sensação de impunidade.

"Ao alterar o Art. 282 do Código Penal, a Lei nº 15.425/2026 eleva a conduta ao status de crime, equiparando a Medicina Veterinária às profissões de médico, dentista e farmacêutico. Isso representa o reconhecimento, pelo Estado brasileiro, da alta complexidade da nossa atuação e do impacto direto que ela tem na preservação da vida e na saúde pública", afirma a presidente. No entanto, não foi rápido chegar a esse marco, tendo demorado cerca de uma década para conseguir a sanção presidencial.

De acordo com Almeida, o primeiro projeto de lei (nº 7.323/2014) foi apresentado na Câmara dos Deputados em 27 de março de 2014. Somente após anos de debates e mobilização do Sistema CFMV/CRMVs, a proposta foi aprovada no Plenário da Câmara em 9 de setembro de 2025, data que coincidentemente é o Dia do Médico-Veterinário.

"No Senado, tramitou como PL 4.560/2025 e foi aprovado em 13 de maio de 2026. Finalmente, foi sancionado pelo Presidente da República em 3 de junho de 2026 como Lei nº 15.425, entrando em vigor em 8 de junho de 2026", relata.

CENÁRIO ATUAL. Não se tem uma dimensão 100% correta do exercício ilegal da Medicina Veterinária no Brasil, justamente por, muitas vezes, »

Foto: banco de imagens CFMV

as vítimas desses falsos profissionais não saberem que foram enganadas.

Contudo, mesmo o CFMV não possuindo dados das denúncias realizadas para as autoridades policiais, somente em 2025 os Conselhos Regionais receberam quase 100 denúncias.

"O Sistema CFMV/CRMVs estima que milhares de procedimentos clandestinos ocorram anualmente no país, divididos entre o meio urbano (auxiliares e leigos realizando cirurgias e consultas em pet shops ou domicílios) e o meio rural (práticos realizando procedimentos sem a devida habilitação ou supervisão profissional)", afirma Ana Elisa.

De acordo com ela, até então o maior obstáculo era a dificuldade de punição, porém a nova lei já está mostrando a sua força e apenas na primeira semana de vigência foram realizadas as primeiras autuações e prisões em flagrante.

CASOS MAIS COMUNS. Segundo Fernando Zacchi, médico-veterinário e assessor técnico do CFMV, os casos mais frequentes de exercício ilegal da profissão envolvem pessoas que atuam de alguma forma no ramo de atenção aos pets sem dispor de um médico-veterinário como Responsável Técnico no estabelecimento. "Pessoas não habilitadas realizam consultas e até mesmo cirurgias, ou simplesmente indicam medicamentos sem prescrição e o exame prévio especializado do animal, colocando em risco o bem-estar e a vida do pet", exemplifica.

Ainda conforme relata, também são observados, mesmo que em menor quantidade, profissionais com registros suspensos ou cancelados que continuam atuando, conduta que a nova lei agora tipifica explicitamente como crime.

IMPACTO PARA A PROFISSÃO E PARA A SOCIEDADE. A criminalização do exercício ilegal da Medicina Veterinária não é apenas positiva para os médicos-veterinários, como também tem um papel fundamental na Saúde Única.

No caso dos animais, pode evitar sofrimento extremo, mutilações, diagnósticos errados e óbitos decorrentes de procedimentos invasivos realizados por pessoas sem qualificação técnica ou anestesia adequada.



Fernando Zacchi, médico-veterinário e assessor técnico do CFMV

Já para os responsáveis e produtores rurais, protege contra o estelionato e o abalo emocional de perder um animal de estimação ou ter um rebanho dizimado por erro de um impostor.

Para completar, para a sociedade, garante barreiras sanitárias seguras e alimentos saudáveis para o consumo. "O médico-veterinário, além de diagnosticar e contribuir para o controle de zoonoses, atua na inspeção dos produtos de origem animal, garantindo a segurança dos alimentos. Um falso profissional cego a esses riscos coloca toda a comunidade em perigo epidemiológico", analisa a presidente.

Para Fernando, ao criminalizar o charlatanismo e o exercício leigo, a lei protege o mercado de trabalho e, acima de tudo, garante à sociedade que apenas pessoas tecnicamente capacitadas e eticamente orientadas possam cuidar da saúde dos animais.

O QUE MUDA? A expectativa do CFMV é que, com a sanção da nova lei, ocorra uma redução drástica e progressiva no número de falsos profissionais em atividade no Brasil. Além disso, com o respaldo da legislação, as autoridades policiais têm maior embasamento para prisões em flagrante e investigações mais robustas. "Como autarquia federal, o Sistema CFMV/CRMVs tem poder de fiscalização administrativa, mas não possui poder de polícia. Por isso, seu papel é de cooperação, encaminhando os casos verificados diretamente pela fiscalização, orientando os responsáveis a registrar o boletim de ocorrência e encaminhando relatórios de detalhados e notícias-crime para que os promotores de justiça possam instaurar inquéritos e oferecer denúncias criminais robustas", explica Ana Elisa.

Para fazer valer esse novo passo, vale aos médicos-veterinários orientar os responsáveis para exigir a apresentação da Cédula de Identidade Profissional. "O CFMV disponibiliza em seu portal o Cadastro Nacional de Profissionais, onde é possível consultar em tempo real, pelo nome ou número de inscrição no CRMV, se o veterinário possui registro ativo e regular no seu respectivo Conselho Regional", finaliza Zacchi.



> "O SISTEMA CFMV/CRMVS ESTIMA QUE **MILHARES DE PROCEDIMENTOS CLANDESTINOS** OCORRAM ANUALMENTE NO BRASIL"
>
> **ANA ELISA ALMEIDA**, PRESIDENTE DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV)

Fotos: divulgação

SOFT care NUTRI

VITALITY
EYE & MIND





EYE COMPLEX

Co Q10

EPA • DHA

Soft Care Nutri Vitality Eye & Mind foi desenvolvido para apoiar a saúde oftálmica e cognitiva de cães e gatos, especialmente dos pets idosos.

Sua fórmula reúne luteína e zeaxantina, importantes para a proteção e o cuidado dos olhos, além de EPA, DHA e Coenzima Q10, ativos que contribuem para o equilíbrio celular e a manutenção das funções do organismo ao longo do envelhecimento.

Com tecnologia e fórmulas exclusivas, Soft Care Nutri oferece soluções nutricionais pensadas para o bem-estar dos pets em todas as fases da vida.



CONHEÇA A LINHA COMPLETA

Soft Care Nutri | O amor tem esse cuidado

Pet society®

softcareps

softcare.ps

SAC 0800 77 22 702
softcare.com.br

SOFT care BY PET SOCIETY 10 Anos

W5.com.br



Ana Paula Falcão de Moura Gierlich – OAB SP 323.302 | @anafalcaogierlich.oficial | www.institutodas.com.br

O antibiótico era para o animal e quem recebeu foi a responsável

A importância dos procedimentos operacionais padrão (pops) na gestão de riscos e na segurança assistencial veterinária

Recentemente, um caso chamou atenção ao envolver uma situação tão inusitada quanto preocupante. Durante a administração de um medicamento injetável em um animal, a aplicação foi realizada, por engano, na responsável pelo animal, que o segurava no colo no momento do procedimento.

Por mais improvável que pareça, isso ilustra uma verdade conhecida pelos profissionais que atuam com gestão de riscos: eventos adversos raramente decorrem apenas de erro individual; eles acontecem quando vulnerabilidades do processo permitem que a falha se concretize.

Independentemente das discussões técnicas, éticas ou jurídicas que possam decorrer do caso concreto, o episódio nos convida a uma reflexão importante: isso poderia ter sido evitado? A resposta está menos na busca por culpados e mais na identificação das vulnerabilidades do processo que permitiram a ocorrência do evento.

DO ERRO INDIVIDUAL ÀS VULNERABILIDADES DO PROCESSO

Na área da saúde, quando um incidente ocorre, é comum que a atenção se concentre na conduta do profissional envolvido. Sob a ótica da gestão de riscos, o mais relevante é identificar quais vulnerabilidades do processo permitiram que esse evento acontecesse.

O erro nem sempre nasce no momento em que se materializa. Muitas vezes, ele começa muito antes, quando determinadas rotinas são executadas sem padronização e procedimentos são realizados de formas diferentes por cada integrante da equipe ou quando situações potencialmente perigosas passam a ser consideradas normais por força do hábito.

O PAPEL DOS POPS – PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS PADRÃO

Nesse contexto, os POPs assumem papel fundamental. Mais do que documentos administrativos, eles representam instrumentos de gestão, segurança, qualidade e sustentabilidade institucional.

Eles transformam boas práticas em condutas obrigatórias, reduzindo a variabilidade dos processos e criando barreiras preventivas contra falhas.

Na Medicina Veterinária, os procedimentos devem ser padronizados. Por exemplo: admissão de pacientes, identificação dos animais, coleta de exames, comunicação com os responsáveis pelos animais, gerenciamento de documentos clínicos e, claro, administração de medicamentos injetáveis, que, embora seja uma atividade rotineira, envolve riscos que nem sempre recebem a devida atenção.

Um POP específico para esse procedimento pode estabelecer, por exemplo, a necessidade de posicionar o animal sobre uma maca adequada (figura 1), realizar contenção segura, garantir adequada visualização da área de aplicação, entre outros. São medidas aparentemente simples, mas que reduzem significativamente a probabilidade de intercorrências.

POPS ESTRUTURADOS E INCORPORADOS À ROTINA PROFISSIONAL

No caso em análise, o animal encontrava-se no colo da responsável durante o procedimento (figura 2) e, apesar de parecer inofensivo, tal conduta representa um fator adicional de risco. A proximidade física entre animal e responsável, a movimentação involuntária do paciente, características visuais semelhantes entre pelagem e vestimenta da responsável – ambos na cor preta, iluminação inadequada, entre outros fatores, podem, somados, comprometer a segurança da execução do procedimento.

Situações de risco que se repetem sem gerar consequências imediatas tendem a ser incorporadas à rotina e passam gradualmente a ser aceitas pela equipe como práticas seguras. Isso é conhecido na gestão de riscos como normalização do desvio. Em muitos casos, o fato de algo nunca ter dado errado é interpretado como evidência de segurança, quando, na realidade, pode representar apenas uma sucessão de exposições ao risco sem que o evento adverso tenha se materializado.



Figura 1


Figura 2

Instituições que adotam uma cultura de segurança não se limitam a confiar exclusivamente na atenção ou na experiência dos profissionais. Elas desenvolvem processos estruturados capazes de reduzir a dependência da memória, da improvisação e da interpretação individual.

Quando o processo é sustentado por protocolos claros, treinamentos periódicos e rotinas padronizadas, a segurança se fortalece.

GESTÃO DE RISCOS COMO MEDIDA PREVENTIVA

Investir em gestão de riscos não significa desconfiar da competência da equipe, mas criar condições para que a competência técnica possa ser exercida de forma mais segura e eficiente.

Processos bem estruturados promovem organização interna, facilitam treinamentos, melhoram a comunicação da equipe e fortalecem a rastreabilidade das condutas adotadas. Além de contribuir para a proteção ética e jurídica dos profissionais e instituições.

Por fim, a segurança jurídica não nasce quando surge reclamação, sindicância ou processo judicial. Ela começa com a construção diária de processos seguros, consistentes e bem documentados. É nesse momento que a prevenção se estrutura.

MEMORIZE ISSO!

A segurança assistencial não depende apenas da competência técnica dos médicos-veterinários, mas também da qualidade dos processos que orientam sua atuação.

Na Medicina Veterinária, proteger o paciente, o responsável pelo animal e a equipe começa muito antes da aplicação de um medicamento: começa na construção de processos seguros, padronizados e continuamente aperfeiçoados. ◘

NA PRÓXIMA EDIÇÃO
Daremos continuidade ao tema.
Envie suas dúvidas para:
vetfazdireito@institutodas.com.br

Ana Paula Falcão de Moura Gierlich é advogada, especialista e mestranda em Direito Médico, doutoranda em Odontologia Legal, fundadora do Instituto DAS – Direito Aplicado à Saúde, Profa. Convidada em Direito Odontológico nos Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Odontologia Legal da Faculdade São Leopoldo Mandic – Campinas/SP. Conselheira em Empresas de Saúde pela Board Academy. Diretora de Compliance da EquoSorriso Equoterapia – São José dos Pinhais/PR, Co-fundadora da CODEGEE – Consultoria, Desenvolvimento e Gestão Empresarial Ltda. Criadora do Programa VET FAZ DIREITO – que auxilia médicos-veterinários e estabelecimentos a fortalecer processos, prevenir conflitos e exercer a profissão com mais segurança, tranquilidade e proteção reputacional. Contato: vetfazdireito@institutodas.com.br; http://lattes.cnpq.br/5817596737634511

Fotos: criadas por IA

CONEXÃO ENTRE ESPÉCIES

DIA MUNDIAL DAS ZOONOSES CHAMA ATENÇÃO PARA DOENÇAS QUE CIRCULAM ENTRE ANIMAIS E HUMANOS E SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

Há séculos, os seres humanos convivem com os animais, mas nunca a relação foi tão íntima. Por mais que essa conexão traga uma série de benefícios físicos e emocionais, também facilita a transmissão de zoonoses.

O termo "zoonose" foi criado pelo médico alemão Rudolf Virchow em 1880 para se referir a doenças infecciosas transmitidas naturalmente, via contato direto ou indireto, de um animal vertebrado para o ser humano

As enfermidades zoonóticas podem ser causadas por diferentes patógenos, dentre eles, bactérias, vírus, parasitas e fungos, correspondendo a mais de 60% do total das doenças que acometem o ser humano.

Dada a relevância das afecções transmitidas entre pessoas e animais, foi criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) o Dia Mundial das Zoonoses, celebrado em 6 de junho.

A data não foi estabelecida à toa e serviu como uma forma de comemorar o dia em que o cientista francês Louis Pasteur aplicou, com sucesso, a primeira vacina antirrábica em 1885.

Para entender um pouco do cenário atual das zoonoses no Brasil e seu impacto na saúde humana e animal, conversamos com Fernando Ferreira, médico-veterinário, mestre e doutor em saúde pública na área de concentração em epidemiologia pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

O profissional também possui pós-doutorado pelo Istituto Zooprofilattico Sperimentale delle Venezie (Itália) e pela Colorado State University (EUA), foi coordenador geral de prevenção e vigilância em saúde animal no Ministério da Agricultura e atualmente é professor titular de Epidemiologia na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP).

Cães&Gatos - Qual é o papel da epidemiologia veterinária na prevenção e controle de doenças que afetam animais e seres humanos? *Fernando Ferreira* - A epidemiologia tem um papel central no controle e prevenção de zoonoses, especialmente no momento atual, no qual se reconhece e valoriza a interdependência da saúde humana, animal e ambiental. Podemos destacar como principais formas de atuação da epidemiologia a elaboração dos programas de vigilância epidemiológica, que permitem estruturar a coleta e a análise de dados de ocorrência das doenças nas populações; a definição de políticas públicas para o controle ou monitoramento de enfermidades em populações humanas ou animais; o monitoramento e gestão de riscos à saúde humana, animal e ambiental; e a avaliação do impacto econômico das doenças.

Como o conceito de Saúde Única (One Health) tem transformado a forma de enfrentar as doenças infecciosas no mundo? Os aspectos fundamentais relacionados à saúde única são conhecidos há muito tempo, antes mesmo do uso disseminado desta



terminologia. Estima-se que 70% das doenças emergentes e a quase totalidade das pandemias conhecidas em humanos tiveram origem zoonótica. A pandemia do Covid-19 evidenciou os riscos associados ao enfrentamento de novas enfermidades, que exigem o desenvolvimento rápido de drogas e vacinas para o seu enfrentamento. Estimativas ainda sugerem que existem 1,7 milhão de vírus desconhecidos em mamíferos e aves e cerca de 600 a 800 mil têm potencial de infectar humanos. Nesse cenário, ganhou protagonismo a abordagem de Saúde Única que, através da ação coordenada de diferentes frentes, possibilita a identificação e o monitoramento de novos agentes, assim como a detecção precoce de eventos de transbordamento, ou seja, a passagem do agente que circulava entre animais silvestres para a população de animais domésticos e/ou humana, possibilitando uma resposta mais oportuna e eficaz para o controle destas enfermidades.

Quais são os principais desafios para a implementação efetiva da Saúde Única no Brasil? Atualmente, os órgãos que executam o controle de doenças humanas, o serviço veterinário oficial (saúde animal) e os órgãos ambientais (conservação e biodiversidade) operam no limite de suas capacidades. Enfrentam restrições de recursos humanos, estruturais e orçamentários, além de possuírem atribuições engessadas que, muitas vezes, dificultam ações conjuntas e o fluxo de informações. Há também desafios tecnológicos expressivos, como a falta de interoperabilidade entre os bancos de dados governamentais e a necessidade de desenvolver sistemas de informação integrados. Em suma, a Saúde Única demanda uma profunda mudança cultural nesses órgãos, algo que só se concretizará quando o tema for tratado como uma política de Estado.

Quais características tornam uma doença zoonótica em uma potencial ameaça global? Uma zoonose se torna ameaça global quando adquire a capacidade de transmissão inter-humana sustentada. O risco é amplificado se o patógeno for transmitido antes do aparecimento dos sintomas ou se possuir um período de incubação longo, o que permite que indivíduos infectados circulem e introduzam o agente em populações sem imunidade prévia. Fatores agravantes incluem a ausência de vacinas ou tratamentos eficazes, a alta taxa de mutação do agente infeccioso e a existência de reservatórios animais que perpetuam sua circulação. Em um mundo globalizado e hiperconectado, essa combinação favorece a rápida disseminação de surtos em escala global.

Quais zoonoses merecem mais atenção atualmente no Brasil e por quê? Sendo o Brasil o país mais megadiverso do mundo, existem milhares de agentes circulando na fauna silvestre com potencial impacto humano ainda desconhecido. Por conta da nossa extensão e diversidade de biomas, é difícil estabelecer uma lista única de prioridades, já que a relevância das doenças varia regionalmente. No entanto, zoonoses como a leishmaniose (visceral e cutânea), raiva, febre maculosa, brucelose bovina, leptospirose e a influenza aviária têm impacto global reconhecido e exigem vigilância constante. Destaco também a esporotricose, que está se consolidando como uma zoonose emergente no Brasil, com rápida expansão territorial e grave impacto na saúde pública.

Quais doenças zoonóticas associadas a cães e gatos ainda representam preocupação para as autoridades sanitárias? A leishmaniose e a esporotricose são as zoonoses mais prevalentes e preocupantes ligadas aos pets no nosso meio. Por outro lado, o controle da raiva (variante canina) é um exemplo de sucesso na saúde pública. Contudo, o vírus rábico continua circulando em populações de morcegos (quirópteros), tornando o risco de transbordamento real e constante, especialmente para gatos, cujo instinto de caça exige atenção redobrada dos responsáveis e veterinários.

Foto: divulgação

Quais zoonoses têm apresentado mudanças significativas em seu perfil epidemiológico nos últimos anos? O caso mais emblemático é o da esporotricose. A doença passou a apresentar manifestações clínicas muito mais graves em humanos em comparação ao seu histórico, além de uma evidente severidade em felinos e uma rápida expansão de sua área de ocorrência. Os determinantes ecológicos e biológicos responsáveis por essa agressividade e por esse novo perfil ainda estão sendo investigados pela ciência.

Como fatores como urbanização, desmatamento e mudanças climáticas influenciam o surgimento e a disseminação de zoonoses? A urbanização, especialmente quando ocorre de forma desordenada, aumenta o contato entre seres humanos, animais domésticos e animais silvestres, em especial nas áreas periféricas, onde ocorre a expansão dos centros urbanos em direção ao ambiente silvestre. Além disso, a alta concentração populacional e problemas de saneamento podem facilitar a transmissão de doenças.

O desmatamento, da mesma forma, eleva o contato entre populações de animais silvestres, domésticos e humanos. Esse contato mais frequente aumenta as chances de transmissão de vírus, bactérias e outros agentes infecciosos. As mudanças climáticas também influenciam a disseminação dessas enfermidades, pois alteram a distribuição de vetores, como mosquitos e carrapatos.

O aumento da interação entre humanos, animais domésticos e fauna silvestre tem impactado o risco de novas doenças emergentes? Sim, de forma direta. A invasão de habitats e a aproximação entre a vida silvestre, os sistemas de produção animal e os assentamentos humanos criam a interface ecológica ideal para o transbordamento. Essa quebra de barreiras naturais possibilita a emergência e reemergência de patógenos com potencial epidêmico.

Quais são os principais indicadores utilizados para acompanhar a ocorrência e a disseminação dessas enfermidades? A única forma de monitorar a disseminação das doenças zoonóticas é a partir da estruturação de sistemas de vigilância epidemiológica, tornando-as de notificação obrigatória. A partir dessa notificação é possível estabelecer a prevalência e a incidência desses agravos, bem como definir fatores de risco para sua ocorrência e criar estratégias para controle.

Como a notificação de doenças por médicos-veterinários contribui para a proteção da saúde pública? A notificação de doenças é o instrumento que permite a construção de indicadores de saúde essenciais para a implementação e monitoramento dos programas de controle. Também possibilita o desencadeamento de ações de resposta pelos órgãos competentes. Como exemplo temos a vacinação perifocal em caso de um diagnóstico de raiva, visando o controle da disseminação do agente.

Quais estratégias estão se mostrando mais eficazes para prevenir a transmissão de zoonoses? Como o universo das zoonoses é muito amplo, as respostas variam. No entanto, as estratégias universais de maior sucesso incluem: controle integrado de vetores, campanhas de vacinação (para doenças imunopreveníveis), controle populacional de espécies sinantrópicas (como roedores), garantia de saneamento básico e gestão de resíduos sólidos, preservação de habitats naturais e, fundamentalmente, a educação em saúde.

Como a educação da população pode ajudar na prevenção de zoonoses? A educação da população transforma os indivíduos em agentes de saúde pública. Ao compreender como as doenças são transmitidas, a comunidade pode adotar mudanças comportamentais, como o manejo adequado do lixo, a eliminação de criadouros de vetores e a guarda responsável de animais. Essas ações cotidianas bloqueiam os ciclos de transmissão, mitigando os riscos gerados pelo contato entre humanos, animais e patógenos.

Como a Medicina Veterinária tem evoluído para responder aos desafios das zoonoses e das doenças emergentes? A Medicina Veterinária está evoluindo para enfrentar os desafios das zoonoses e das doenças emergentes por meio do avanço científico, da vigilância epidemiológica e da integração com outras áreas da saúde. Atualmente, os médicos-veterinários desempenham um papel fundamental na identificação precoce de surtos, no monitoramento de enfermidades em animais e na prevenção da transmissão para os seres humanos. Uma das principais mudanças foi a adoção da abordagem de Saúde Única, que reconhece a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental. Nesse contexto, veterinários trabalham em conjunto com médicos, biólogos, epidemiologistas e profissionais da área ambiental para prevenir e controlar doenças emergentes. Para completar, o desenvolvimento de novas tecnologias, como diagnósticos moleculares, tem permitido detectar agentes infecciosos com maior rapidez e precisão. Essas ferramentas auxiliam na investigação de surtos e na implementação de medidas de controle mais eficazes.

Na sua avaliação, quais são as prioridades para o Brasil no enfrentamento das zoonoses nos próximos anos? Dentre as prioridades estão o fortalecimento da vigilância epidemiológica, a ampliação das ações de prevenção e o investimento na integração entre saúde humana, animal e ambiental, transformando-o em política de Estado. Além disso, a detecção precoce de surtos e o monitoramento contínuo de enfermidades em populações animais são fundamentais para evitar a disseminação de agentes infecciosos. Por fim, é essencial o controle dos fatores ambientais que favorecem o surgimento de zoonoses, como o desmatamento, a expansão desordenada das cidades e as mudanças climáticas. ◘

Referência

COSTA, Ana Júlia Motta da et al. Manual de zoonoses. São Paulo: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Campus de Botucatu, 2022.

VACINAÇÃO FORTALECE COMBATE À FELV



DOENÇA VIRAL GRAVE E ALTAMENTE TRANSMISSÍVEL PODE PASSAR DESPERCEBIDA POR LONGOS PERÍODOS

› **DANIELLE ASSIS**
danielle@dc7comunica.com.br

A leucemia viral felina, conhecida popularmente como FeLV, segue sendo uma das principais e mais graves doenças de gatos domésticos.

Causada por um retrovírus, que infecta felinos e pode provocar imunossupressão, anemia e desenvolvimento de linfomas, a enfermidade possui alto impacto na saúde dos animais, estando associada a elevada morbidade e mortalidade.

Segundo Mariana Silva, consultora técnica da Boehringer Ingelheim, a transmissão da FeLV ocorre, principalmente, por contato próximo entre gatos, especialmente por meio da saliva.

"Isso inclui situações como grooming (lambedura entre gatos), compartilhamento de comedouros e bebedouros e mordidas durante brigas, além de existir a possibilidade de transmissão vertical da mãe para os filhotes", relata.

SINAIS CLÍNICOS VARIADOS. A leucemia viral felina pode desencadear diferentes sinais clínicos, inclusive, muitos inespecíficos. De acordo com Silva, dentre eles estão desde manifestações sistêmicas, como apatia, fraqueza, febre e perda de peso, até quadros mais complexos relacionados à imunossupressão

Além disso, a infecção pode comprometer a hematopoiese, levando à anemia, bem como favorecer o surgimento de neoplasias, especialmente linfomas.

Outro ponto importante é que existem gatos com a doença que não apresentam sinais clínicos, seja nas fases iniciais da infecção ou em casos de infecção regressiva e focal/atípica. "Esse aspecto torna a FeLV ainda mais desafiadora do ponto de vista clínico, pois animais aparentemente saudáveis podem atuar como fonte de infecção para outros", destaca a profissional.

VACINAÇÃO COMO PRINCIPAL ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO. A vacinação é considerada uma das principais ferramentas de controle da FeLV, visto que reduz a circulação do vírus na população felina, protege gatos suscetíveis e diminui o risco de transmissão.



Mariana Silva, consultora técnica da Boehringer Ingelheim

Sabendo disso, a Boehringer Ingelheim ampliou seu portfólio recentemente e lançou as vacinas Purevax® FeLV (monovalente) e Purevax® RCP-Ch FeLV (quíntupla). A Purevax® FeLV é indicada para a prevenção da leucemia viral felina. Já a Purevax® RCPCh FeLV, é recomendada para prevenir rinotraqueíte, panleucopenia, calicivirose, clamidiose e leucemia viral felina.

Ambas se destacam pelo volume reduzido de apenas 0,5 ml, que facilita a vacinação, e não contam com adjuvante de imunidade, característica que diminui as chances de eventos adversos pós-vacinais. "A linha Purevax possui o selo Easy to Give da ISFM/Icat-Care, demonstrando ser fácil de aplicar e amigável ao gato. Também apresenta eficácia comprovada e está alinhada às recomendações internacionais de vacinação", pontua Mariana.

O protocolo recomendado prevê início da vacinação a partir das oito semanas de idade, com administração de duas doses com intervalo de três a quatro semanas, seguido de reforço após um ano da série inicial. "As revacinações subsequentes devem ser avaliadas por um médico-veterinário baseado no risco de infecção por FeLV", conclui a consultora técnica. ◘

Fotos: divulgação



IMUNIZAÇÃO SOB MEDIDA



TECNOLOGIAS INOVADORAS E NOVAS RECOMENDAÇÕES TRANSFORMAM A FORMA DE PREVENIR DOENÇAS EM CÃES, GATOS E SERES HUMANOS

› **DANIELLE ASSIS, DA REDAÇÃO**
danielle@dc7comunica.com.br

Os animais de companhia estão constantemente sujeitos a contaminação pelas mais diversas doenças, muitas delas, que também podem acometer os seres humanos.

Contudo, mesmo com os avanços da Medicina Veterinária, os médicos-veterinários ainda enfrentam desafios no que tange à saúde, prevenção de enfermidades e imunização de cães e gatos.

Por isso, foi criada a campanha Julho Dourado, que visa destacar a importância da promoção da saúde nos animais domésticos e de rua e o combate às zoonoses. Em 2026, essa data ganhou ainda mais notoriedade através da sanção da Lei nº 15.322, que inclui na legislação nacional a campanha.

Por mais que existam diferentes formas de manter os pets saudáveis, uma das mais eficientes e práticas é através da vacinação. Porém, não é apenas o Brasil que sofre com falhas nos protocolos vacinais de cães e gatos, que não colocam apenas os animais, como também as pessoas, em risco. "Em muitas regiões do mundo, a cobertura vacinal de cães e gatos ainda está muito aquém do ideal. A África é um exemplo claro dessa realidade, na qual uma parcela significativa da população animal permanece sem acesso à vacinação, inclusive contra a raiva. Por outro lado, na América Latina observamos uma situação diferente, mas igualmente preocupante. Em algumas regiões, parte dos cães e gatos não recebe as vacinas essenciais, enquanto outra parcela é revacinada anualmente, muitas vezes, sem necessidade", afirma Mary Marcondes, médica-veterinária, mestre, doutora e livre-docente em Clínica Médica de cães e gatos e presidente do Comitê de Vacinações da Associação Mundial de Veterinários de Pequenos Animais (WSAVA).

Segundo a profissional, o grande desafio frente a esse cenário não é simplesmente aplicar mais vacinas, mas vacinar melhor. Com isso, é preciso aumentar a proporção de animais efetivamente protegidos, direcionando os esforços para aqueles que nunca foram vacinados ou que não receberam um protocolo adequado, em vez de concentrar recursos na revacinação frequente de animais já imunizados.

A IMPORTÂNCIA DO ESSENCIAL. As vacinas essenciais são aquelas que devem ser administradas em todos os cães e gatos, conforme seu estilo de vida, o risco de exposição e as regiões onde vivem ou para as quais viajam. "Algumas dessas vacinas protegem contra doenças graves e potencialmente fatais em todo o mundo, enquanto outras são consideradas essenciais apenas em países ou regiões onde determinadas enfermidades são endêmicas. Para os cães, as vacinas essenciais em todo o mundo são aquelas que protegem contra o vírus da cinomose canina, o vírus da hepatite infecciosa canina (*adenovírus canino*) e o parvovírus", afirma a doutora. »

Foto: banco de imagens C8G

A leptospirose canina, por exemplo, não apenas é uma doença potencialmente fatal para os cães, como também é uma importante zoonose amplamente distribuída em diversas regiões do mundo. Logo, em países onde a enfermidade é endêmica, como o Brasil, a vacinação também deve ser considerada essencial.

Já para felinos, de acordo com Marcondes, as vacinas essenciais em todo o mundo são as que protegem contra o *parvovírus felino* (panleucopenia), o *calicivírus* e o *herpesvírus felino*. Em muitas regiões, como no Brasil, as infecções causadas pelo vírus da leucemia felina (FeLV) também são endêmicas. "Nesses locais, a vacinação contra FeLV deve ser considerada essencial para todos os gatos jovens (com até um ano de idade) e para felinos adultos com risco de infecção, como os que possuem acesso à rua ou que convivem com animais que tenham acesso ao ambiente externo", pontua.

Por outro lado, nas áreas onde a raiva é endêmica, a vacinação contra o vírus deve ser considerada essencial tanto para cães quanto para gatos, devido à gravidade da doença e seu impacto na saúde pública.

RAIVA EM EVIDÊNCIA. Recentemente, o Comitê de Vacinação da WSAVA concluiu um projeto de três anos realizado em oito países da África Subsaariana, que determinou quais doenças estão em evidência e requerem mais atenção no que diz respeito à vacinação.

Segundo Mary, com base nessa experiência, não há dúvidas de que a raiva continua sendo o maior desafio relacionado à vacinação de cães e gatos, não apenas naquele continente, mas também em nível global.

"Embora exista uma iniciativa internacional para eliminar as mortes humanas causadas pela raiva transmitida por cães até 2030, infelizmente essa meta dificilmente será alcançada, pois a cobertura vacinal em muitas regiões do mundo ainda está aquém do necessário", relata.

Além da doença, a parvovirose canina também se destaca entre as enfermidades preveníveis por vacinação que ainda são negligenciadas.



Mary Marcondes, médica-veterinária, mestre, doutora e livre-docente em Clínica Médica de cães e gatos e presidente do Comitê de Vacinações da Associação Mundial de Veterinários de Pequenos Animais (WSAVA)

Isso porque, em diversas regiões a cobertura vacinal populacional permanece insuficiente para controlar adequadamente a circulação do vírus.

"Precisamos concentrar nossos esforços em aumentar o número de cães vacinados, especialmente filhotes, em vez de focar excessivamente na revacinação anual de animais já protegidos. O objetivo deve ser ampliar a imunidade populacional, vacinando o maior número possível de cães dentro da comunidade. Também é importante lembrar que, em cães que já não possuem anticorpos maternos capazes de interferir na resposta vacinal, uma única dose de vacina viva modificada é suficiente para induzir proteção contra a parvovirose", pontua a doutora.

VACINAS E SUAS TECNOLOGIAS. Segundo Paulo Abilio Varella Lisboa, médico-veterinário, mestre e doutor em Ciências Veterinárias, membro titular da Academia Brasileira de Medicina Veterinária e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, a escolha para o desenvolvimento de



Paulo Abilio Varella Lisboa, médico-veterinário, mestre e doutor em Ciências Veterinárias, membro titular da Academia Brasileira de Medicina Veterinária e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz

vacinas se baseia em vigilância epidemiológica e análise de impacto.

"Na Medicina Veterinária, a prioridade são doenças de alta infectividade, como a cinomose, zoonoses que oferecem risco ao homem, como raiva e leptospirose, e condições que impactam a longevidade e o bem-estar dos pets. Dentre os critérios usados estão prevalência regional do agente, gravidade dos sinais clínicos, taxa de letalidade e viabilidade técnica de produzir um antígeno eficaz", explica.

As vacinas podem apresentar diferentes tecnologias, que alteram a sua forma de ação no organismo. Na veterinária, estão presentes, principalmente, as vacinas vivas modificadas, também chamadas de vivas, as vacinas inativadas (mortas), as recombinantes e as de subunidades purificadas. "Nas vacinas vivas modificadas o patógeno está "vivo", mas é "enfraquecido" em laboratório. Esse modelo tem como vantagem mimetizar a infecção natural, gerando imunidade celular e humoral robusta com menos doses. Por outro lado, nas inativadas o patógeno está íntegro e incapaz de se replicar. O ponto positivo é a segurança extrema, visto que há baixo risco de reversão de virulência. Porém, como desvantagem, algumas exigem

Foto: divulgação

adjuvantes para "despertar" o sistema imune, o que pode causar mais dor local ou reações adversas", conta.

Já para desenvolver produtos com a tecnologia recombinante é utilizada apenas a parte genética essencial do patógeno, que é inserida em um vetor seguro, eliminando a necessidade de cultivar o vírus inteiro.

Para isso usa-se engenharia genética, que consegue expressar apenas os antígenos mais importantes do patógeno em um vetor inofensivo. O grande destaque desse modelo é a segurança absoluta, visto que não há risco de reversão de virulência e, por serem altamente purificadas, reduzem drasticamente as reações adversas.

O profissional ainda relata que as vacinas de DNA e o uso de nanopartículas para entrega de antígenos são as grandes promessas no que diz respeito à imunização. De acordo com ele, essas tecnologias permitem que o corpo produza a proteína viral de forma limpa, eliminando a necessidade de componentes químicos irritantes, o que reduz o risco de reações adversas.

"Na veterinária, a tendência de 2026 é a expansão das vacinas recombinantes e "purificadas", que eliminam proteínas desnecessárias do vírus ou bactéria, reduzindo drasticamente o risco de inflamações e sarcomas vacinais", diz.

ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DOS IMUNIZANTES. Conforme relata o pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, o ciclo de desenvolvimento de uma vacina tem início na fase exploratória, que está relacionada à identificação de antígenos.

Em seguida, entra-se na fase pré-clínica, realizada in vitro e in vivo em modelos animais para segurança inicial. Depois parte-se para a fase clínica. "Na veterinária, as fases clínicas são feitas diretamente na espécie-alvo (cães ou gatos), focando em eficácia contra desafios específicos de campo e segurança local. Nessa etapa, o foco é comprovar a "Proteção contra Desafio", onde o animal vacinado é exposto ao agente em ambiente controlado", pontua.

Com relação aos critérios de qualidade, é necessário que as vacinas atendam aos pilares de Pureza, Segurança, Potência e Eficácia. O médico-veterinário explica que, no Brasil, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) exige testes de estabilidade (validade) e a comprovação de que a vacina não causa reações adversas sistêmicas em uma porcentagem significativa da população testada.

Além disso, existem vacinas que possuem um desenvolvimento mais complexo do que outras. "Enfermidades com alta taxa de mutação, como a Peritonite Infecciosa Felina (PIF) e variantes de calicivírus, representam um desafio maior no que diz respeito ao desenvolvimento de imunizantes. Outro aspecto relevante é que a imunidade contra retrovírus, como o vírus da leucemia viral felina (FeLV), exige tecnologias que superem a capacidade do mesmo de se "esconder" no DNA do hospedeiro", afirma Lisboa.

O FUTURO DA VACINOLOGIA VETERINÁRIA APONTA PARA A IMUNIDADE ESTERILIZANTE E A REDUÇÃO DO USO DE AGULHAS

A boa notícia é que atualmente o prazo para regulamentação de novas vacinas está mais rápido do que há alguns anos atrás. "Enquanto as vacinas humanas levam cerca de 10 anos para serem aprovadas, na Medicina Veterinária o ciclo médio é de cinco a oito anos. No entanto, a urgência em 2026 para novas variantes de gripe canina ou doenças emergentes têm acelerado processos regulatórios, os diminuindo para cerca de três a quatro anos em casos específicos", cita.

Cada lote comercial de uma vacina passa por testes de esterilidade e titulação. Para isso são utilizados métodos de biologia molecular, que visam garantir que a concentração de antígenos em cada frasco seja idêntica àquela que provou eficácia nos estudos clínicos originais.

O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS. As Diretrizes Globais de Vacinação da WSAVA de 2024, que são a versão mais recente, apresentaram a reclassificação de algumas vacinas e atualizaram as recomendações de protocolos vacinais para filhotes.

Uma das mudanças mais importantes no documento foi a reclassificação da vacina contra a leptospirose, que a tornou essencial para cães que vivem em regiões endêmicas da doença. "Da mesma forma, a vacina contra o vírus da leucemia viral felina passou a ser considerada essencial para todos os gatos com menos de um ano de idade, que vivem em áreas onde a infecção é prevalente. Após essa idade, a necessidade de continuar a vacinação deve ser avaliada individualmente pelo médico-veterinário, de acordo com o risco de exposição de cada animal", afirma Mary Marcondes.

Outra mudança foi a recomendação de uma dose adicional da vacina aos seis meses de idade para cães e gatos. Nos cães, essa dose visa a proteção contra cinomose, parvovirose e hepatite infecciosa canina, enquanto nos gatos é indicada para panleucopenia felina, *herpesvírus felino* e *calicivírus felino*.

Segundo a presidente do Comitê de Vacinações da WSAVA, essa dose substitui a revacinação tradicionalmente administrada aos 12 meses de idade ou um ano após a última dose da série inicial. Conforme relata, o objetivo dessa alteração é reduzir ainda mais o risco de falhas vacinais decorrentes da interferência dos anticorpos maternos.

"Embora a maioria dos filhotes seja adequadamente imunizada quando recebe a última dose da série inicial às 16 semanas de idade, uma pequena proporção ainda pode apresentar níveis de anticorpos maternos suficientes para interferir na resposta vacinal. A dose aos seis »

meses garante que esses animais sejam efetivamente imunizados o mais cedo possível, sem necessidade de aguardar até o ano de idade", esclarece.

O MARCO DAS 16 SEMANAS DE IDADE. De acordo com a WSAVA, a última dose do protocolo vacinal de filhotes deve ser realizada a partir de 16 semanas de idade. O motivo dessa determinação são os anticorpos maternos recebidos pelo filhote por meio do colostro, que podem interferir na eficácia das vacinas administradas antes desse período. Marcondes explica que, embora esses anticorpos sejam fundamentais para proteger o animal nas primeiras semanas de vida, eles também podem neutralizar os vírus vacinais vivos modificados antes que estes consigam estimular uma resposta imune adequada.

Durante muitos anos se acreditou que a maioria dos filhotes já não apresentava níveis significativos de anticorpos maternos às 12 semanas de idade. Por conta disso, os protocolos vacinais eram concluídos nessa fase. Porém, diferentes estudos demonstraram que uma proporção considerável de filhotes ainda apresenta níveis de anticorpos capazes de interferir na vacinação nessa idade.

"Isso ocorre, em parte, porque as mães atualmente possuem uma imunidade mais robusta e duradoura, resultado de programas vacinais mais eficazes e de vacinas de alta qualidade. Por esse motivo, as diretrizes da WSAVA passaram a recomendar que a última dose da série inicial seja administrada a partir das 16 semanas de idade, o que aumenta significativamente a probabilidade de o filhote responder adequadamente à vacinação", comenta.

Contudo, mesmo assim, uma pequena porcentagem de filhotes de cães ainda pode apresentar anticorpos maternos interferentes por volta das 16 semanas de idade, e alguns filhotes de gatos podem manter anticorpos contra a panleucopenia até aproximadamente 20 semanas de idade.

Portanto, para garantir a proteção desses animais, as diretrizes de 2024 passaram a indicar uma dose adicional aos seis meses de idade (26 semanas). Nessa fase, os anticorpos maternos já desapareceram, assegurando que praticamente todos os filhotes sejam efetivamente imunizados.

A recomendação atual é aplicada às vacinas contra cinomose, parvovirose e hepatite infecciosa canina nos cães e contra panleucopenia felina, *herpesvírus felino* e *calicivírus felino* nos gatos.

VACINAÇÃO EM ADULTOS. Embora a recomendação de revacinação trienal para vacinas essenciais de cães faça parte das Diretrizes de Vacinação da WSAVA desde sua primeira publicação, em 2007, a divulgação da versão atualizada das Diretrizes Globais de Vacinação em 2024 reacendeu discussões e questionamentos sobre a necessidade das revacinações anuais das vacinas múltiplas.

Segundo o documento, cães vacinados com vacinas vivas modificadas contra cinomose, parvovirose e hepatite infecciosa canina são capazes de desenvolver imunidade robusta e de longa duração. Devido a isso, a resposta imune gerada é muito semelhante à produzida por uma infecção natural.

A doutora explica que uma única dose da vacina administrada em um animal sem anticorpos maternos interferentes é capaz de induzir proteção por muitos anos. Além disso, estudos demonstram que essa imunidade pode persistir por nove anos ou mais após uma única dose.

Por esse motivo, as diretrizes internacionais recomendam a revacinação contra essas doenças em intervalos de três anos. "No Brasil e em outros países da América Latina, alguns médicos-veterinários ainda relutam em adotar esse protocolo, argumentando que o risco de exposição a esses agentes infecciosos é elevado. No entanto, é importante compreender o conceito de imunidade. Aplicar anualmente uma vacina que já confere proteção duradoura não torna o animal "mais imune". Não adotamos essa estratégia na Medicina humana e não há razão científica para fazê-lo na Medicina Veterinária", afirma.

Para a profissional, do ponto de vista da saúde populacional, é muito mais eficiente garantir que todos os

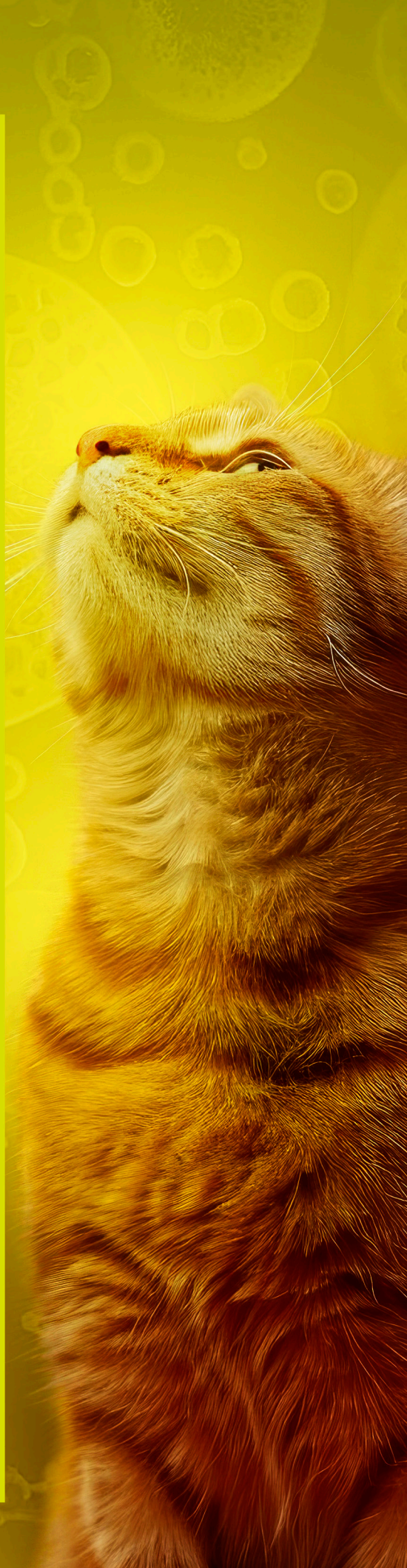


Foto: banco de imagens C&G



filhotes recebam protocolos vacinais adequados e ampliar o número de animais vacinados na população, em vez de concentrar esforços na revacinação anual de cães já protegidos.

"No Brasil, entretanto, há uma importante limitação prática. As vacinas contra leptospirose, cuja revacinação anual continua sendo recomendada, não são mais comercializadas isoladamente. Como esse antígeno está associado às vacinas contra cinomose, parvovirose e hepatite infecciosa, muitos veterinários acabam administrando anualmente todo o conjunto vacinal para manter a proteção contra a leptospirose", diz.

Nos gatos, a situação é semelhante em relação à panleucopenia felina. A imunidade induzida pela vacinação é robusta e as diretrizes globais recomendam a revacinação a cada três anos. Entretanto, como a panleucopenia está associada ao *herpesvírus felino* e ao *calicivírus felino* nas vacinas disponíveis comercialmente, e como a proteção contra essas infecções respiratórias tende a ser menos duradoura, a vacinação anual continua sendo frequentemente adotada.

Já para outras vacinas, como as contra a raiva e as destinadas à prevenção do complexo respiratório infeccioso canino, a recomendação geral permanece a revacinação anual.

PROTOCOLOS INDIVIDUAIS. As diretrizes servem como um guia, mas a escolha por um protocolo vacinal deve ser individualizada e realizada com base no estilo de vida, ambiente e nível de exposição a agentes infecciosos do paciente.

Antes mesmo de determinar quais vacinas serão aplicadas em um cão ou gato é necessário realizar anamnese detalhada e avaliar fatores como acesso à rua, contato com outros animais, frequência de idas a creches, hotéis e viagens, participação em exposições, condições de manejo e ocorrência de doenças na região. "Essas informações permitem identificar os riscos reais aos quais o animal está exposto e selecionar as vacinas não essenciais que podem trazer benefícios naquele momento", pontua Marcondes.

Isso vale desde o momento da primovacinação até os reforços ao longo da vida, e os testes sorológicos podem ser uma ferramenta adicional para definir quais imunizantes serão utilizados nos pacientes.

A doutora explica que em algumas doenças há uma forte correlação entre a presença de anticorpos e a proteção, como é o caso da cinomose, da parvovirose, da hepatite infecciosa canina e da panleucopenia felina.

Nelas, a detecção de anticorpos indica que o animal está protegido e, portanto, não necessita de revacinação naquele momento. Em muitos países, ao invés de revacinar os animais a cada três anos, realiza-se a avaliação dos títulos de anticorpos e, assim, consegue-se evitar a aplicação de vacinas desnecessárias.

"No Brasil, entretanto, esses testes ainda costumam ser mais caros do que a própria vacinação. Como consequência, muitos responsáveis optam por vacinar diretamente, em vez de realizar o teste e, diante de um resultado negativo, ter que vacinar o animal posteriormente", cita Mary.

Outro ponto importante é que a sorologia somente é indicada para animais que já completaram adequadamente o protocolo vacinal inicial e válida apenas para doenças nas quais existe uma forte correlação entre a presença de anticorpos e a proteção clínica.

CENÁRIO ATUAL. Segundo Paulo Lisboa, o mercado global de vacinas veterinárias é altamente concentrado e estimado em aproximadamente US$9 a US$11 bilhões, de acordo com dados projetados para 2025 e 2026.

A América do Norte e a Europa lideram no quesito inovação de imunizantes para animais de companhia, enquanto a América Latina, com destaque para o Brasil, e a Ásia são centros de excelência e grandes consumidores de vacinas para animais de produção.

Todavia, apesar dos avanços, o setor enfrenta barreiras significativas, como a complexidade regulatória, responsável por fazer com que a aprovação de uma nova vacina veterinária leve de cinco a oito anos para acontecer e represente investimentos que podem superar os US$50 milhões.

Além disso, muitas vacinas de nova geração ainda dependem de refrigeração rigorosa, o que dificulta a vacinação em regiões remotas ou países em desenvolvimento.

O médico-veterinário ainda comenta que o futuro da vacinologia veterinária aponta para a imunidade esterilizante e a redução do uso de agulhas, através de vacinas de mucosas e orais, que permitem a vacinação via água ou alimento, reduzindo o estresse do manejo e os custos de aplicação.

No entanto, ainda faltam muitos passos até que as vacinas contra parasitas se tornem uma realidade. Conforme relata, esta permanece como uma das maiores lacunas e, embora existam vacinas contra carrapatos e leishmaniose, a sua eficácia ainda é variável e exige pesquisas profundas em imunologia de protozoários e metazoários.

"A vacinologia veterinária não é mais uma ciência de "tentativa e erro". Ela se transformou em uma disciplina de alta tecnologia, que utiliza as ferramentas mais avançadas da biologia molecular. O desafio para os próximos anos será democratizar o acesso a essas tecnologias de ponta, garantindo que a inovação chegue tanto ao consultório de pequenos animais quanto às grandes cadeias produtivas de proteína animal, protegendo, em última análise, a saúde pública global", conclui o médico-veterinário.

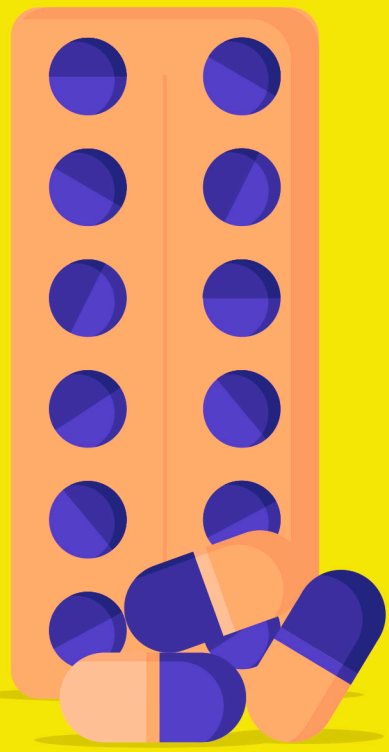
Já para Mary Marcondes, no cenário atual não faz sentido adotar exatamente o mesmo protocolo para todos os animais, muito menos revacinar, sem necessidade, um paciente que já está adequadamente protegido.

"Felizmente, um número crescente de médicos-veterinários compreende esse conceito e vem adotando protocolos mais alinhados às evidências científicas atuais. Também é fundamental educar os responsáveis pelos animais. A decisão sobre quais vacinas devem ser aplicadas e em quais intervalos não cabe ao cliente, mas ao médico-veterinário, que é o profissional capacitado para avaliar o risco de exposição e a necessidade de proteção de cada animal", finaliza. ◘

ANTIBIOTICO-TERAPIA EM CÃES E GATOS

O PAPEL DO MÉDICO-VETERINÁRIO NA **PRESERVAÇÃO DOS ANTIMICROBIANOS** E NO COMBATE À RESISTÊNCIA BACTERIANA

› **EDGARD SALOMÃO JÚNIOR**



Os antibióticos revolucionaram a Medicina humana e veterinária no século passado, transformando infecções antes fatais em condições perfeitamente tratáveis.

Entretanto, nas últimas décadas, o uso inadequado, indiscriminado ou profilático sem critérios técnicos rigorosos acelerou a seleção e a disseminação de microrganismos resistentes, ameaçando severamente a eficácia dos tratamentos disponíveis no mercado global.

A resistência antimicrobiana já deixou de ser uma previsão teórica futura para se consolidar como uma das maiores ameaças contemporâneas à saúde pública mundial.

Dados epidemiológicos apontam que infecções causadas por bactérias multirresistentes são responsáveis por centenas de milhares de mortes humanas anualmente.

No ecossistema da Medicina Veterinária de pequenos animais, a proximidade física e afetiva entre responsáveis e seus animais de companhia atua como uma via bidirecional de transmissão de determinantes de resistência, transformando cães e gatos em reservatórios potenciais de patógenos críticos.

Estudos de vigilância molecular indicam um crescimento alarmante no isolamento de cepas de *Staphylococcus pseudintermedius* resistentes à meticilina em piodermites e otites caninas, além de enterobactérias, como a *Escherichia coli*, produtoras de betalactamases de espectro estendido em infecções do trato urinário.

Diante desse cenário complexo, cada prescrição de antibiótico realizada na clínica médica representa





uma decisão terapêutica crucial e uma oportunidade única de preservar a eficácia biológica desses medicamentos para as próximas gerações.

RESISTÊNCIA ANTIMICROBIANA E A ABORDAGEM ONE HEALTH. A interconexão intrínseca entre a saúde humana, animal e a integridade ambiental forma o tripé do conceito de Saúde Única (*One Health*).

A resistência bacteriana exemplifica perfeitamente a necessidade dessa abordagem integrada, visto que genes de resistência circulam livremente entre diferentes nichos ecológicos.

O uso de antimicrobianos em animais de companhia exerce uma pressão seletiva contínua na microbiota comensal desses pacientes. Quando um fármaco é administrado incorretamente, as cepas bacterianas sensíveis são eliminadas, abrindo espaço ecológico para a proliferação daquelas que possuem mutações cromossômicas ou elementos genéticos móveis de resistência.

O médico-veterinário desempenha, portanto, um papel estratégico fundamental na linha de frente epidemiológica, prevenindo a disseminação dessas superinfecções tanto para outros animais quanto para os seres humanos que com eles coabitam.

PRINCÍPIOS DO STEWARDSHIP ANTIMICROBIANO. O termo stewardship antimicrobiano refere-se a um conjunto de ações gerenciadas e sistêmicas que buscam garantir o uso estritamente racional e prudente dos antibióticos. O objetivo principal não é meramente restringir a utilização, mas sim otimizar a seleção do fármaco, a dose, a via de administração e a duração do tratamento para alcançar o máximo efeito terapêutico com o mínimo de efeitos colaterais e menor pressão seletiva sobre a microbiota do hospedeiro.

Para que o stewardship seja efetivo, a conduta clínica deve se basear em pilares robustos: diagnóstico preciso da etiologia bacteriana, compreensão detalhada do sítio de infecção, aplicação de ferramentas laboratoriais e conscientização do responsável pelo animal. »

OS 10 ERROS MAIS COMUNS NA PRESCRIÇÃO DE ANTIBIÓTICOS

1. **Prescrição sem confirmar infecção bacteriana:** tratar processos puramente inflamatórios, virais ou fúngicos com antibiótico;
2. **Uso profilático sem indicação:** prolongar a antibioticoterapia cirúrgica além do período perioperatório recomendado;
3. **Não solicitar cultura em casos recorrentes:** basear o tratamento repetido de infecções crônicas apenas em escolhas empíricas;
4. **Escolher antibióticos de amplo espectro como primeira opção:** utilizar fármacos potentes quando opções de espectro estreito seriam eficazes;
5. **Prescrever doses inadequadas:** usar subdosagem, que falha em erradicar o patógeno e seleciona resistência, ou sobredosagem tóxica;
6. **Manter tratamentos excessivamente longos:** continuar a terapia por semanas após a resolução clínica completa dos sinais;
7. **Não reavaliar o paciente:** deixar de verificar a evolução clínica do animal dentro de 48 a 72 horas após o início da terapia;
8. **Não realizar descalonamento terapêutico:** manter um fármaco de amplo espectro após o resultado da cultura apontar sensibilidade a um agente direcionado;
9. **Desconsiderar farmacocinética e farmacodinâmica:** ignorar a capacidade do fármaco de penetrar no tecido-alvo na concentração necessária;
10. **Não orientar adequadamente os responsáveis:** falhar em explicar a importância do cumprimento estrito dos horários e da não interrupção precoce.

Foto: banco de imagens C8G

CULTURA BACTERIANA E ANTIBIOGRAMA. A dependência exclusiva do tratamento empírico é um dos principais motores do avanço da resistência bacteriana. A cultura bacteriana acompanhada do teste de susceptibilidade (antibiograma) representa o padrão-ouro para o direcionamento seguro da terapia.

Ela permite a identificação precisa do patógeno e a determinação exata de quais moléculas mantêm eficácia biológica *in vitro*. A amostragem microbiológica deve ser realizada de forma asséptica e, preferencialmente, antes da instituição de qualquer protocolo antimicrobiano, garantindo a viabilidade celular na amostra e a confiabilidade dos resultados laboratoriais.

Já a eficácia clínica de um antimicrobiano não depende unicamente da sua sensibilidade no antibiograma; ela é intimamente ditada pelo comportamento do fármaco no organismo do paciente e pela sua interação com a bactéria.

OS PERFIS SÃO CLASSIFICADOS EM DUAS GRANDES CATEGORIAS PRINCIPAIS:

- **Tempo-dependentes:** são aqueles cuja eficácia depende do tempo em que a concentração plasmática do fármaco permanece acima da Concentração Inibitória Mínima (CIM) da bactéria no sítio infeccioso. Exemplos incluem as penicilinas e cefalosporinas. Nesse caso, o cumprimento rígido dos intervalos entre as doses é crucial;
- **Concentração-dependentes:** apresentam eficácia otimizada quando alcançam um pico de concentração sérica muito superior à CIM, geralmente de 10 a 12 vezes esse valor. As fluoroquinolonas e os aminoglicosídeos pertencem a este grupo, beneficiando-se de administrações em doses mais elevadas com intervalos maiores.

CLASSIFICAÇÃO DOS ANTIMICROBIANOS. Diretrizes internacionais estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela International Society for Companion Animal Infectious Diseases (ISCAID) categorizam os antimicrobianos de acordo com a sua relevância estratégica para a Medicina humana e o risco de indução de multirresistência cruzada.

Determinadas classes são denominadas como criticamente importantes e seu uso na veterinária de pequenos animais deve ser estritamente restrito a cenários onde não restem alternativas terapêuticas.

DENTRE OS ANTIBIÓTICO CRITICAMENTE IMPORTANTES ESTÃO:

- **Fluoroquinolonas (enrofloxacina, marbofloxacina e pradofloxacina):** devem ser guardadas para infecções intracelulares e sistêmicas complexas confirmadas por antibiograma;
- **Cefalosporinas de 3ª e 4ª geração (cefovecina e ceftiofur):** têm alta relevância na Medicina humana e o uso veterinário deve ser altamente criterioso;
- **Carbapenêmicos (meropenem e imipenem):** última linha de defesa para enterobactérias multirresistentes; uso restrito ao ambiente hospitalar após comprovação laboratorial;
- **Glicopeptídeos (vancomicina):** utilizados no tratamento de infecções humanas gravíssimas por gram-positivos multirresistentes. Seu uso em pequenos animais é amplamente desencorajado ou proibido em diversos países.

ATITUDES DE COMBATE. A mudança de paradigma na contenção da resistência bacteriana não demanda investimentos tecnológicos inacessíveis, mas sim uma transformação na postura diária do médico-veterinário no consultório. Para combater essa realidade é fundamental que os profissionais confirmem a real necessidade do antibiótico, através da diferenciação de infecções bacterianas ativas de processos inflamatórios, alergias crônicas ou contaminações colonizadoras normais.

Solicitar cultura bacteriana com mais frequência também é recomendado, sendo importante romper a cultura do empirismo, integrando o antibiograma como rotina diagnóstica acessível nas fichas clínicas. Outra medida é priorizar antibióticos de menor espectro, preservando as moléculas de última geração e optando, sempre que possível, por penicilinas ou cefalosporinas de primeira geração. Também deve-se reavaliar o paciente precocemente para acompanhar a evolução clínica e instituir o descalonamento ou a suspensão do tratamento assim que os critérios de cura forem atingidos.

Por fim, deve-se educar os responsáveis sobre o uso correto dos medicamentos, dedicando tempo na consulta para conscientizar sobre o cumprimento rigoroso de doses, horários e riscos da automedicação em pets. ◘

Referências

International Society for Companion Animal Infectious Diseases (ISCAID). Guidelines for antimicrobial use in dogs and cats. Vet Intern Med. 2019;33(1):12-25.

World Health Organization (WHO). Global action plan on antimicrobial resistance. Geneva: WHO Guidelines; 2015.

World Organisation for Animal Health (WOAH). Responsible and prudent use of antimicrobial agents in veterinary medicine. Paris: WOAH Terrestrial Animal Health Code; 2022.

Guardabassi L, Jensen LB, Kruse H. Antimicrobial stewardship in small animal practice. Oxford: Blackwell Publishing; 2018.

Weese JS, Blondeau JM, Boothe D, et al. Antimicrobial use guidelines for treatment of urinary tract infections in dogs and cats: antimicrobial guidelines working group of the International Society for Companion Animal Infectious Diseases. Vet Med Int. 2011;2011:1-9.

Clinical and Laboratory Standards Institute (CLSI). Performance standards for antimicrobial disk and dilution susceptibility tests for bacteria isolated from animals. 5th ed. CLSI supplement VET01. Wayne, PA: CLSI; 2020.

Sykes JE. Canine and feline infectious diseases. 1st ed. St. Louis: Elsevier Saunders; 2014.

Beco L, Guaguère E, Méndez CL, et al. Antimicrobial stewardship in veterinary dermatology. Vet Dermatol. 2013;24(1):22-31.

Prescott JF, Baggot JD, Walker RD. Antimicrobial therapy in veterinary medicine. 4th ed. Ames: Iowa State University Press; 2013.

Boothe DM. Small animal clinical pharmacology and therapeutics. 2nd ed. Philadelphia: W.B. Saunders; 2012.

***Edgard Salomão Júnior** é médico-veterinário, mestre em Clínica e Cirurgia Veterinária pela UFF/RJ e doutor em Ciências da Saúde-Anestesiologia pela FMUSP. É palestrante, exerce consultorias técnicas em clínicas e hospitais veterinários através do Centro de Expertise Veterinária-CEV e atua em cursos de pós-graduação e como perito judicial médico-veterinário federal, estadual e na Justiça do Trabalho*

Liva Natural

Natural como você escolheria

Saudável como seu paciente merece



- Ingredientes naturais
- Proteína de alta qualidade
- Sem transgênicos
- Benefícios funcionais para seus pacientes
- Antioxidantes 100% naturais

Use o cupom:
LIVANATURALVET30

Para recomendar com confiança, experimente com desconto no site da petlove



QUANDO A DOR VEM DA COLUNA

MAIS COMUM EM CÃES DE MÉDIO E GRANDE PORTE, A **SÍNDROME DA CAUDA EQUINA** EXIGE DIAGNÓSTICO PRECOCE

› STÉFANI CAMPOS CHAGAS
stefani@dc7comunica.com.br

Mudanças sutis na forma de caminhar, dificuldade para subir escadas ou resistência para brincar costumam ser atribuídas ao envelhecimento dos pets. No entanto, esses sinais podem esconder uma condição neurológica capaz de provocar dor crônica, perda de mobilidade e, em casos graves, alterações urinárias e fecais: a Síndrome da Cauda Equina, doença que afeta principalmente cães de médio e grande porte, mas também ocorre em gatos.

Segundo o médico-veterinário Douglas Renato Cleto, formado pela Unesp de Araçatuba, especializado em Ortopedia e em Neurologia, além de sócio-proprietário do Hospital Veterinário Bionicão, a síndrome está relacionada a alterações na região de transição entre a última vértebra lombar e a primeira vértebra sacral, conhecida como junção lombossacra.

"É uma alteração na transição da coluna lombar com a sacral que se caracteriza pela estenose degenerativa do canal vertebral, causando compressão das raízes nervosas, especialmente dos nervos ciático e pudendo", explica.

Além das raízes nervosas, estruturas como discos intervertebrais, forames, ligamento amarelo e articulações face-

tárias podem ser envolvidas. À medida que a compressão aumenta, o animal manifesta dores e limitações evidentes.

UMA DOENÇA MAIS COMUM EM CÃES. Embora acometa cães e gatos, a ocorrência é muito mais frequente nos caninos. Nos felinos, os casos são raros e geralmente associados a traumas, processos inflamatórios, infecções ou neoplasias — enquanto nos cães predominam alterações degenerativas e hérnias de disco.

As manifestações também diferem. Nos cães, a dor na região lombossacra é o sinal clássico, manifestada na palpação, movimentação dos membros posteriores ou elevação da cauda. Já os gatos tendem a apresentar flacidez ou paralisia da cauda, diminuição da sensibilidade e episódios de incontinência urinária e fecal.

QUEM CORRE MAIS RISCO? De origem multifatorial, as causas incluem estenose degenerativa, hérnias, traumas, tumores, inflamações e malformações congênitas. O envelhecimento é um fator importante, associado a predisposições anatômicas individuais.

Entre os cães, a síndrome é mais observada em raças de médio e grande porte, como Pastor Alemão, Labrador, Rottweiler, Boxer, Border Collie e Golden Retriever. "Isso ocorre normalmente devido a conformações anatômicas, principalmente no Pastor Alemão", destaca Cleto.

Nos gatos, não há predisposição racial estabelecida.

SINAIS QUE MERECEM ATENÇÃO. O principal desafio da Síndrome da Cauda Equina é o seu início silencioso. Muitos responsáveis associam a lentidão e a aparente falta de disposição do pet ao envelhecimento natural, mascarando um quadro de dor crônica crível e atrasando a busca por ajuda médica.

"Sempre é importante observar a mobilidade do animal, como dificuldade em se levantar após um tempo deitado, relutância em subir em móveis, carros ou escadas, evitar corridas ou brincadeiras e andar mais rígido com os membros pélvicos", orienta o profissional.

Ele reforça que qualquer mudança comportamental merece atenção: "A partir do momento em que o animal muda o comportamento dele em relação ao rotineiro, principalmente demonstrando desconforto, é necessário considerar um atendimento e não somente pensar que são alterações comuns para um animal mais velho".



Douglas Renato Cleto é médico-veterinário graduado pela Unesp de Araçatuba, com especialização em Ortopedia e Neurologia, e sócio-proprietário do Hospital Veterinário Bionicão

CAMINHO ATÉ O DIAGNÓSTICO

O diagnóstico exige avaliação clínica detalhada e exame neurológico criterioso. "O principal método para um bom diagnóstico começa com um exame físico e neurológico bem feito da região. Em cima disso, são pensados e estudados os melhores exames", explica Cleto.

Radiografia, tomografia computadorizada e ressonância magnética são utilizadas para avaliar o grau de compressão nervosa.

A investigação minuciosa é crucial para descartar doenças com sintomas semelhantes, como displasia coxofemoral, ruptura de ligamento cruzado, artrose, tumores na coluna, mielopatia degenerativa e neuropatias periféricas.

TRATAMENTO CLÍNICO OU CIRÚRGICO? A escolha depende da gravidade dos sintomas e do impacto na qualidade de vida. A abordagem inicial costuma ser conservadora. "Sempre é bom pensar inicialmente no tratamento conservador, que abrange o uso de anti-inflamatórios, analgésicos, fisioterapia, reabilitação, modulação da dor crônica e manejo ambiental", afirma o médico-veterinário.

O manejo inclui controle de peso, piso antiderrapante e restrição de atividades de alto impacto. Quando o tratamento clínico não traz resultados ou há comprometimento neurológico severo, a cirurgia é indicada. Procedimentos como laminectomia, foraminectomia e discectomia visam a descompressão das estruturas afetadas.

RECUPERAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA. No tratamento conservador, o acompanhamento é contínuo por tratar-se de uma condição crônica. Nos casos cirúrgicos, o prognóstico depende da técnica, do dano prévio e do repouso pós-operatório. "Na opção cirúrgica, o prognóstico depende muito do repouso após o procedimento, da técnica utilizada e da evolução da doença", ressalta Cleto.

O diagnóstico tardio favorece sequelas permanentes, como fraqueza crônica nos membros pélvicos, atrofia muscular, claudicação e, em cenários graves, incontinência urinária e fecal.

É POSSÍVEL PREVENIR? Embora a genética e o envelhecimento não possam ser evitados, algumas medidas como manutenção do peso ideal, fortalecimento muscular, exercícios regulares moderados e fisioterapia preventiva reduzem os riscos e retardam a progressão degenerativa. "Sempre que houver a identificação de sintomas envolvendo a marcha do animal, mesmo que de forma discreta, principalmente em pacientes mais velhos, encaminhe para um serviço veterinário especializado para oferecer o melhor suporte", conclui. ◘

Fotos: banco de imagens C&G e divulgação

TRANSPARÊNCIA QUE GERA CONFIANÇA

SPECIAL DOG COMPANY É A ÚNICA INDÚSTRIA BRASILEIRA NO SETOR DE PET FOOD COM **RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE PUBLICADO**

› POR **SPECIAL DOG COMPANY**

A Special Dog Company acaba de publicar seu Relatório de Sustentabilidade 2025.

Atualmente, a companhia permanece como a única indústria brasileira do setor de alimentos para cães e gatos a disponibilizar publicamente um relatório de sustentabilidade elaborado através de metodologias reconhecidas internacionalmente, como a Global Reporting Initiative (GRI) e a Sustainability Accounting Standards Board (SASB).

Para Erik Leonardo Manfrim, fundador e CEO da Special Dog Company, o Relatório de Sustentabilidade é uma ferramenta que materializa o compromisso da companhia com a transparência e a melhoria contínua. “2025 foi um ano de aprendizado, reorganização e escolhas importantes para a Special Dog Company. Mesmo em um cenário desafiador, avançamos com mais clareza estratégica, fortalecendo nossa eficiência, nossa capacidade de inovar e o compromisso de crescer com responsabilidade, gerando valor de forma consistente para o negócio, as pessoas e o Planeta", afirma.

Já segundo João Paulo Camarinha Figueira, gerente de desenvolvimento sustentável da companhia, o documento materializa a evolução da governança da sustentabilidade na Special Dog Company. “Mais do que apresentar iniciativas, ele traduz nossa capacidade de medir, monitorar e gerenciar temas que influenciam a geração de valor de longo prazo para o negócio e para a sociedade”, cita.

Além de reforçar a transparência corporativa, o relatório oferece informações cada vez mais valorizadas por consumidores e varejistas, que buscam compreender não apenas os atributos dos produtos, mas também as práticas adotadas pelas empresas responsáveis por sua fabricação.

O Relatório de Sustentabilidade 2025 está disponível para acesso público no site da Special Dog Company. ◘



João Paulo Camarinha Figueira, gerente de desenvolvimento sustentável da Special Dog Company

PRINCIPAIS DESTAQUES DE 2025

■ Desempenho ambiental

• 99,98% dos resíduos desviados de aterro sanitário, resultado reconhecido pela certificação Lixo Zero;
• 90,37% das embalagens adquiridas são recicláveis;
• Inventário de emissões de gases de efeito estufa certificado com Selo Prata pelo Programa Brasileiro GHG Protocol;
• Desenvolvimento da linha Bionatural Sensitive com proteína de inseto e Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), resultando em redução de 11,57% na pegada de carbono.

■ Impacto social

• Participação feminina em cargos de alta liderança alcançou 35,89%;
• Investimento em impacto social de R$ 5 milhões em programas estruturantes, iniciativas filantrópicas e na operação do Centro Cultural Special Dog;
• Destinação de R$ 394 mil por meio de leis de incentivo para projetos culturais e esportivos;
• Programa Bem Nutrir apoiou 46 ONG’s e protetores, com a doação de 110 toneladas de alimentos;
• Programa Doe Amor estimou o atendimento de 70.345 animais por meio da doação de sangue pet em 2025.

■ Governança e desenvolvimento local

• R$ 618,7 milhões movimentados junto a fornecedores localizados em um raio de até 150 quilômetros das operações da companhia;
• Dados financeiros auditados pela KPMG e gestão de resíduos certificada pela SGS do Brasil;
• Reconhecimento no Relatório Anual da EGGS Lab.

Foto: divulgação / Special Dog Company

Bionatural

SENSITIVE

SUPER PREMIUM NATURAL



SUPORTE PARA PELES SENSÍVEIS

Disponível para Cães Adultos de Porte Pequeno, Médio e Grande.

A linha Bionatural Sensitive foi desenvolvida com base em estudos de Avaliação de Ciclo de Vida (ISO 14040 e 14044), reconhecida metodologia de mensuração de impactos ambientais.

A proteína de inseto (Black Soldier Fly) se destaca por seu baixo potencial alergênico, além de ser mundialmente reconhecida como uma alternativa inovadora para reduzir o impacto ambiental.

Escaneie o QR Code para acessar a formulação, níveis de garantia e todas as informações da Bionatural Sensitive.

www.bionaturalpet.com.br

bionaturalpetoficial

bionaturalpet

UMA LINHA Special Dog COMPANY



MICROBIOTA INTESTINAL E DOENÇAS SISTÊMICAS: EVIDÊNCIAS ALÉM DAS ENTEROPATIAS

POR **GUSTAVO QUIRINO,** médico-veterinário
e analista de treinamento técnico da Adimax

A microbiota intestinal é uma comunidade complexa de microrganismos essencial à saúde de cães e gatos. Em equilíbrio, participa da digestão e da absorção de nutrientes, contribui para a integridade da barreira intestinal e na modulação de mecanismos imunológicos, metabólicos e inflamatórios[1,2].

Contudo, essas funções podem ser comprometidas em situações de disbiose intestinal, condição caracterizada por alterações na composição e na funcionalidade desse ecossistema microbiano[1,2].

Na rotina clínica, a disbiose intestinal é frequentemente associada a enfermidades do trato gastrointestinal (TGI) e de órgãos relacionados, como enteropatias crônicas e pancreatite, além de poder ocorrer após o uso de determinados medicamentos, como antibióticos[2].

No entanto, as evidências atuais indicam que a influência da microbiota intestinal vai além do TGI, como participação em eixos de comunicação entre o intestino e outros sistemas orgânicos.

Um exemplo relevante é a doença renal crônica (DRC). O eixo intestino-rim envolve interações entre o microbioma intestinal, barreira intestinal, metabólitos microbianos e fisiologia renal[3]. Alterações nesse eixo, como as observadas em situações de disbiose intestinal, estão associadas a um maior acúmulo de toxinas urêmicas, à piora da função renal, além de desempenharem um importante papel na patogênese dessa enfermidade[3].

Essa relação é amplamente descrita na medicina humana e alterações semelhantes também são observadas em cães e gatos, reforçando a importância de uma abordagem integrada nesses pacientes[3,4].

Outro distúrbio associado a alterações na microbiota intestinal é a obesidade. Em cães obesos, Macedo e colaboradores (2022) observaram menor diversidade da microbiota fecal em comparação a animais com escore de condição corporal ideal. Após o programa de perda de peso, o perfil microbiano desses cães aproximou-se daquele observado em animais magros, sugerindo que o controle adequado do peso pode contribuir para modular o ecossistema intestinal[5].

Essa relação é relevante, porque a microbiota intestinal pode influenciar vias ligadas à saciedade, ao metabolismo lipídico, ao gasto energético e à inflamação de baixo grau[6].

Considerando sua ampla influência na saúde do animal, diferentes estudos têm avaliado estratégias de modulação da microbiota intestinal, incluindo o uso de fibras especiais, prebióticos e probióticos. Os benefícios observados incluem maior diversidade da microbiota intestinal; redução do peso corporal e modulação da inflamação em cães obesos; melhora do escore fecal e da taxa de filtração glomerular em cães com DRC; aumento do peso corporal em gatos com DRC[7,8,9,10,11].

Novas pesquisas seguem ampliando a compreensão da influência da microbiota intestinal na saúde e na doença.

Nesse contexto, a nutrição se destaca como uma ferramenta relevante para o manejo de diferentes enfermidades e para a manutenção do equilíbrio da microbiota intestinal. Com esse objetivo, as dietas secas Fórmula Natural Vet Care Obesidade, Renal, Gastrointestinal e Gastrointestinal Baixa Gordura para cães e Renal para gatos, foram desenvolvidas com perfis nutricionais específicos para auxiliar no tratamento das condições às quais são indicadas. Suas formulações incluem fibras especiais, prebióticos e probióticos, que contribuem para o equilíbrio da microbiota intestinal. ◘

Conheça o portfólio completo de Fórmula Natural Vet Care para cães e gatos, acesse:
vetcare.formulanatural.com.br

ACESSE A BIBLIOGRAFIA PELO QR CODE AO LADO

FÓRMULA NATURAL

100% SATISFAÇÃO GARANTIDA

VET CARE

Desenvolvida por médicos-veterinários sob os conceitos mais avançados da nutrição para cães e gatos, a linha **Fórmula Natural Vet Care** é voltada para animais enfermos que necessitam de dietas especiais.

DESENVOLVIDO POR **MÉDICOS VETERINÁRIOS**



Estes produtos não substituem o tratamento convencional.

Saiba mais sobre a linha

@formulanaturaloficial

www.formulanatural.com.br



GORDURA

UM NUTRIENTE ESSENCIAL NA ALIMENTAÇÃO DE CÃES E GATOS

› THAIS XIMENES, MONIQUE PALUDETTI E ERIKA PEREIRA

Quando o assunto é nutrição, a gordura frequentemente carrega uma reputação negativa. Embora a redução da ingestão de gordura seja indicada em algumas condições clínicas específicas, como hiperlipidemia e enteropatia com perda proteica, os lipídios são nutrientes essenciais para cães e gatos[1–3].

Além de constituírem uma importante fonte de energia, participam da absorção de vitaminas lipossolúveis, contribuem para a palatabilidade dos alimentos e fornecem colesterol e ácidos graxos essenciais. O colesterol é precursor dos hormônios esteroides, enquanto os ácidos graxos essenciais atuam na composição das membranas celulares, na estruturação do cérebro e da retina e na modulação da resposta inflamatória e imunológica[4,5].

Os ácidos graxos considerados essenciais são aqueles que precisam ser fornecidos pela alimentação, pois não são sintetizados em quantidade suficiente pelo organismo. O principal deles para cães e gatos é o ácido linoleico, pertencente à família dos ômega-6, e a sua deficiência pode ocasionar, principalmente, alterações cutâneas e de pelagem[5].

Em formulações de dietas caseiras a fonte de gordura precisa ser escolhida corretamente, pois nem todas fornecem quantidades adequadas de ácido linoleico[6]. Óleos como os de soja, girassol e milho são fontes seguras que podem ser utilizadas para suprir esse nutriente, enquanto o azeite de oliva é predominantemente composto por ácido oleico (ômega-9), um ácido graxo não essencial para cães e gatos, e fornece quantidades reduzidas de ácido linoleico[1,5,7].

Da mesma forma, o óleo de coco é pobre em ácido linoleico e rico em triglicerídeos de cadeia média[8]. Em dietas caseiras, é comum que óleos ricos em ácido linoleico sejam substituídos pelos responsáveis por azeite de oliva ou óleo de coco, devido à percepção de que essas opções seriam mais benéficas à saúde, frequentemente baseada em conceitos extrapolados da nutrição humana[9].

No entanto, dietas caseiras formuladas com azeite de oliva ou óleo de coco como únicas fontes de gordura podem não fornecer quantidades adequadas de ácido linoleico, tornando necessária a inclusão de outras fontes lipídicas conforme balanceamento nutricional por um médico-veterinário nutrólogo ou zootecnista[6].

Além do ácido linoleico, o ácido araquidônico também é um nutriente essencial para os felinos. Enquanto os cães conseguem converter o ácido linoleico em ácido araquidônico, os felinos possuem capacidade limitada para realizar essa conversão devido à reduzida atividade de enzimas envolvidas nesse processo. Dessa forma, os gatos necessitam que fontes desse nutriente sejam incluídas na dieta[5,6,10].

O ácido araquidônico é encontrado principalmente em ingredientes de origem animal e participa da composição das membranas celulares e da síntese de eicosanoides, moléculas envolvidas na resposta inflamatória, imunológica e reprodutiva. Portanto, sua deficiência pode resultar em alterações reprodutivas e comprometimento da resposta imune. Essa característica representa uma importante limitação das dietas vegetarianas e veganas para gatos[6,10].

Em cães, o ácido araquidônico não é considerado essencial na fase adulta, porém sua inclusão é recomendada para filhotes em crescimento, bem como para fêmeas gestantes e lactantes, em razão da maior de- »

Foto: banco de imagens C8G

manda fisiológica nessas fases da vida[5].

Além dos ácidos graxos da família ômega-6, os ácidos graxos da família ômega-3 também desempenham funções importantes na nutrição de cães e gatos. Os principais representantes são o ácido eicosapentaenóico (EPA) e o ácido docosahexaenóico (DHA), encontrados principalmente em peixes e microalgas[11].

Embora não sejam considerados essenciais para cães e gatos adultos e saudáveis, esses nutrientes apresentam importantes benefícios fisiológicos, especialmente relacionados à modulação da resposta inflamatória[1,12]. Já para filhotes em crescimento e fêmeas gestantes ou lactantes, o fornecimento dietético de EPA e DHA é recomendado devido à sua importância para o desenvolvimento do sistema nervoso e da retina, além da limitada capacidade de síntese nessas fases da vida[5,11].

Portanto, a gordura não deve ser encarada como vilã na dieta ou apenas como uma fonte de energia, mas como um nutriente essencial para a saúde de cães e gatos. Além de contribuir para a densidade energética da dieta, os lipídios fornecem os ácidos graxos essenciais com funções estruturais, imunológicas, reprodutivas e neurológicas[4,5].

Sendo assim, é fundamental garantir que as fontes lipídicas da dieta sejam capazes de atender às exigências nutricionais específicas dos cães e gatos. ◘

CONFIRA AS REFERÊNCIAS PELO QR CODE AO LADO

Thais Ximenes, *médica-veterinária, ex-residente em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal. Pós-graduanda em Endocrinologia veterinária pela Equalis Veterinária. Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: thais.ximenes@unesp.br*
Monique Paludetti, *médica-veterinária, ex-residente de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal. Doutoranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ- USP. Clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br*
Erika Pereira, *médica-veterinária, residência em Clínica Médica de Cães e Gatos pela UFF. Especialização em Nutrição e Nutrologia pela ANCLIVEPA-SP. Mestre pelo programa de Clínica Veterinária pela FMVZ-USP. E-mail: mverikapereira@gmail.com*



10 ANOS DE SOFT CARE

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

Em 2026, a Soft Care celebra dez anos. Criada a partir da expertise da Pet Society, a marca nasceu com o propósito de desenvolver formulações seguras e suaves, capazes de atender às demandas da prática veterinária e contribuir para a manutenção da saúde e da qualidade de vida dos animais.

Ao longo desse tempo, a empresa ampliou seu portfólio, acompanhando a evolução da Medicina Veterinária e as transformações do mercado pet.

Um dos principais marcos da trajetória foi o lançamento da linha K-Treat, em 2018, que se tornou referência na manutenção da hidratação e na reposição da barreira cutânea de animais com alterações dermatológicas.

Já em 2024, expandiu sua atuação com o lançamento da linha Soft Care Nutri, ingressando no segmento de suplementos. O portfólio reúne formulações exclusivas, incluindo produtos com proteína de inseto (BSF).

Como parte da celebração dos dez anos, a companhia promoveu em 28 de junho um simpósio científico para médicos-veterinários.

O encontro consolidou a trajetória construída ao lado desses profissionais e reforçou o compromisso com o desenvolvimento de soluções alinhadas às necessidades da Medicina Veterinária.

Atualmente, a Soft Care está presente em 26 países e segue acompanhando as tendências do mercado nacional e internacional. “Para os próximos anos, o mercado de suplementos deve continuar sendo nosso foco, além da busca constante por ingredientes inovadores e de alta qualidade que possam nos ajudar a seguir como referência em cuidados dermatológicos”, afirma Juliana Novelli, gerente de Marketing da Soft Care. ◘

CONFIRA A MATÉRIA COMPLETA NO PORTAL CÃES&GATOS

Foto: divulgação



PROBIÓTICOS NA NUTRIÇÃO DE CÃES E GATOS

O PAPEL DA **MICROBIOTA INTESTINAL** NA SAÚDE DIGESTIVA, IMUNIDADE E BEM-ESTAR

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

A microbiota intestinal é composta por diferentes microrganismos, em sua maioria, bactérias benéficas, que desempenham funções essenciais para a saúde dos animais. Dentre elas, está o auxílio na digestão dos alimentos, principalmente na fermentação de componentes alimentares que não são totalmente digeridos pelo organismo, como algumas fibras alimentares.

"Durante esse processo são produzidos compostos benéficos, como os ácidos graxos de cadeia curta, que servem como fonte de energia para as células intestinais e ajudam a manter a integridade da mucosa intestinal. A microbiota também contribui para a absorção de nutrientes e para o equilíbrio do ambiente intestinal", explica Ana Flavia Chizzotti, médica-veterinária, mestre em Nutrição de cães e gatos e gerente do departamento técnico da Quatree.

Contudo, mais do que participar da digestão, as bactérias benéficas do intestino de cães e gatos possuem uma relação próxima com o sistema imunológico.

Segundo a médica-veterinária, estima-se que 60% a 70% das células de defesa do organismo estejam associadas ao trato gastrointestinal, principalmente no tecido linfoide associado ao intestino, conhecido como Gut Associated Lymphoid Tissue (GALT).

"Uma microbiota equilibrada ajuda a estimular adequadamente o sistema imune, fortalecendo as barreiras de proteção do organismo e contribuindo para uma resposta mais eficiente contra agentes infecciosos", comenta.

ALIMENTAÇÃO COMO PILAR FUNDAMENTAL. Da mesma forma que a alimentação pode contribuir positivamente com a microbiota intestinal, a ingestão de alimentos inadequados ou mudanças bruscas na dieta é capaz de causar desequilíbrios, comprometendo a saúde digestiva e imunológica dos animais.

Com isso, a oferta de dietas equilibradas e compostas por ingredientes de qualidade, fibras funcionais, prebióticos e probióticos favorece o crescimento de bactérias benéficas. "Diversas cepas probióticas apresentam benefícios comprovados para cães e gatos. Entre as mais utilizadas estão *Bifidobacterium lactis* e *Lactobacillus acidophilus*, que auxiliam na manutenção do equilíbrio da microbiota intestinal, favorecendo a saúde digestiva e o adequado funcionamento do sistema imunológico", esclarece Ana Flavia.

Quando os probióticos são incluídos na alimentação diária, contribuem para a manutenção contínua do equilíbrio da microbiota intestinal e da saúde digestiva. "A Quatree, por exemplo, utiliza probióticos cuidadosamente selecionados e protegidos por tecnologia de microencapsulação, que auxilia na manutenção de sua viabilidade durante o processamento e armazenamento do alimento", explica a médica-veterinária.

A tecnologia permite proteger os microrganismos durante o processamento industrial e o armazenamento, aumentando sua estabilidade e viabilidade.

"Essa proteção é importante para que uma quantidade adequada de probióticos chegue ao intestino dos animais, podendo contribuir de maneira contínua para o equilíbrio da microbiota intestinal", conclui. ◘



Ana Flavia Chizzotti, médica-veterinária, mestre em Nutrição de cães e gatos e gerente do departamento técnico da Quatree

Fotos: divulgação e Revista Cães&Gatos



OBSTRUÇÃO URETRAL EM GATOS

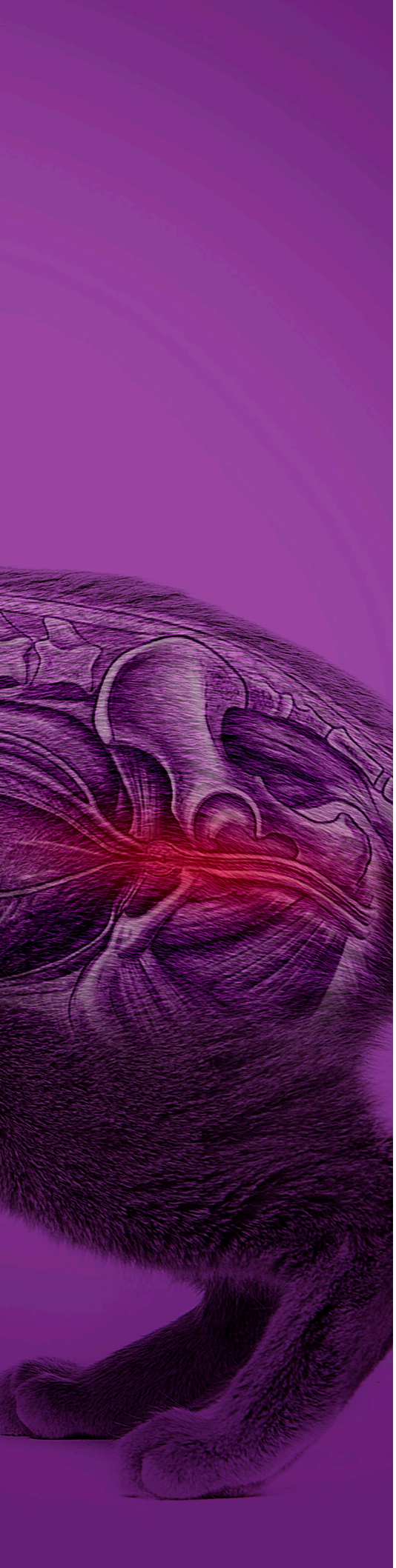
QUADRO COMUM NA ROTINA CLÍNICA **REQUER ATENÇÃO IMEDIATA E MANEJO ADEQUADO** PARA EVITAR RECIDIVAS

› **DANIELLE ASSIS**
danielle@dc7comunica.com.br

A obstrução uretral é um dos quadros clínicos mais recorrentes no atendimento de felinos e, mesmo assim, ainda gera muitas dúvidas nos médicos-veterinários quando um caso desses chega para atendimento. Contrariando o que muitos pensam, a causa mais comum de obstrução em gatos não são os urólitos, ou seja, os cálculos urinários.

Diferentes estudos mostram que a principal enfermidade do trato urinário inferior em felinos e causadora dessa condição é a cistite idiopática, que em sua apresentação clínica aguda e por gatilho neuroendócrino (estresse), gera inflamação nas vias urinárias. Isso é o que explica Waldemar Tavares, médico-veterinário mestre em Diagnóstico Clínico e Laboratorial em Medicina Veterinária, que atua com atendimento clínico e cirúrgico exclusivo da espécie felina e é membro da Feline Veterinary Medical Association (FelineVMA). "O componente doloroso e inflamatório das vias urinárias baixas gera no animal sintomas como periúria, disúria, anúria, hematúria e polaquiúria, um estado clínico compatível com retenção ou obstrução urinária", afirma.

Além dessa obstrução funcional, os plugs, que são a associação da matéria orgânica (debris e celularidade) com matéria inorgânica, ajudam a formar, de fato, os urólitos nos rins ou na bexiga. Esses urólitos, por sua vez, podem levar os felinos a obstrução ureteral, dependendo



da sua movimentação. "Logo, as principais causas de obstrução em felinos são a cistite idiopática e a presença de plugs ou urólitos no trato urinário", resume.

Além disso, de modo geral, existem três tipos de cálculos mais comuns em gatos: oxalato de cálcio, estruvita e de urato.

MACHOS SÃO OS MAIS ACOMETIDOS. Por uma questão anatômica, os gatos machos são os que apresentam maior predisposição a obstrução uretral. Isso acontece porque eles possuem uretra de tamanho menor do que as fêmeas.

"Em geral, os machos têm maior risco, pois a porção uretral é muito menor do que a das fêmeas. A anatomia do macho também é um fator importante, visto que existe uma curva na uretra peniana", comenta Waldemar.

Ainda de acordo com ele, os animais sedentários, obesos e que se alimentam basicamente de alimento seco, ou seja, que não gostam ou não foram acostumados com dieta úmida, também estão entre os mais acometidos.

Para completar, por mais que a castração em si não seja um fator predisponente, o procedimento aumenta os riscos de obesidade, que favorece a alimentação seca. Logo, animais que se hidratam menos têm tendência a maior agregação dos cálculos em vias urinárias.

ALERTA VERMELHO! A obstrução uretral é considerada uma emergência, especialmente porque gatos são animais que escondem sinais clínicos e as uropatias obstrutivas podem piorar de forma silenciosa. "As obstruções em uretra que interrompem totalmente o fluxo urinário geram um desequilíbrio eletrolítico importante e acúmulo de metabólitos renais graves, principalmente por retenção de potássio, levando a hipercalemia", cita o profissional.

Esse eletrólito pode gerar danos no coração, causando arritmias, bradicardia e risco de morte ao paciente felino.

Outro aspecto importante é que o aumento de metabólitos, que deveriam ser eliminados pela urina, desencadeia azotemia grave, predispondo prejuízos sistêmicos, visto que os rins não conseguem estabelecer filtração adequada e exercer sua função de forma completa.

Também é fundamental identificar no momento do atendimento se a obstrução é parcial ou total porque isso pode fazer a diferença no desfecho do caso clínico. "Muitas vezes, a obstrução parcial ainda mantém uma filtração urinária, gerando quadros mais brandos e passíveis de manejo clínico. Porém, requer acompanhamento clínico de perto, pois o sistema urinário é bastante dinâmico. Com isso, um felino com obstrução parcial hoje, pode estar totalmente obstruído amanhã", pontua Tavares.

Para complementar, o veterinário explica que a obstrução total requer cuidados intensivos, manejo para desobstrução e até cirurgias podem se fazer necessárias, tornando, de fato, esse um caso emergencial.

SINAIS QUE MERECEM ATENÇÃO. Os sinais de obstrução uretral são similares aos de qualquer doença do trato urinário inferior, podendo os animais apresentar dor, periúria, disúria, polaquiúria e hematúria. Existe, ainda, o risco do quadro evoluir para anúria devido a interrupção completa do fluxo urinário.

No entanto, felinos obstruídos também podem ter anorexia, emagrecimento, apatia e febre, sinais que indicam situações graves. "No exame clínico a palpação da bexiga é indispensável, além de ser importante a realização de exames de imagem, como a ultrassonografia, que nos mostra o tamanho de pelve renal - quanto mais dilatada, mais grave o quadro - e hidronefrose", diz o médico-veterinário.

O prognóstico do quadro clínico depende do nível de obstrução. Por mais que os felinos sejam animais muito resistentes, essa condição pode causar óbito.

DIAGNÓSTICO PRECISO. O diagnóstico da obstrução uretral engloba anamnese detalhada, exame físico para tentativa de detectar vias urinárias obstruídas e realização de exames de imagem, como a radiografia, que é o padrão-ouro para detecção dos urólitos.

Tavares explica que o raio-x é capaz de localizar e mostrar a gravidade »

Foto: banco de imagens C&G

da obstrução. Por outro lado, a ultrassonografia consegue medir o espessamento da parede da vesícula urinária e demonstrar a presença de celularidade, urólitos e coágulos. "Exames laboratoriais também devem ser realizados. Dentre eles, hemograma, ureia, creatinina e os principais eletrólitos, como potássio, fósforo, cálcio total, cálcio iônico e magnésio", esclarece.

O médico-veterinário afirma, ainda, que não se deve nunca utilizar os níveis de ureia e creatinina para prever o prognóstico de casos urinários, visto que o fator mais importante e que eleva o risco de morte em um felino obstruído é a alteração cardíaca. "Mesmo que o veterinário não tenha equipamentos adequados na clínica para avaliar o coração do paciente, a simples auscultação pode ajudar", orienta.

Na hora do diagnóstico é necessário também diferenciar a cistite de obstrução uretral. O profissional comenta que, para isso, é preciso associar o histórico clínico com anamnese, exames de imagem e possíveis quadros de estresse. "No que diz respeito a obstrução, geralmente, o diagnóstico ocorre a partir da visualização dos urólitos através de radiografias e ultrassonografia", complementa.

DO ATENDIMENTO PRIMÁRIO A RESOLUÇÃO DO QUADRO. A estabilização de um felino com obstrução uretral requer diversos cuidados antes de ser realizado o procedimento de sondagem, se necessário. O atendimento primário deve ser baseado na realização de acesso venoso para reposição de fluído e medicamentos, ausculta para detecção de arritmias ou bradicardia e correção do excesso de potássio. "Verificar a temperatura e manejar pacientes hipotérmicos é fundamental. Para isso, pode-se usar colchão térmico ou qualquer outro método que mantenha a temperatura ideal", relata o profissional.

A cistocentese de alívio é um procedimento indicado, pois facilita a tentativa de desobstrução, visto que tira a pressão urinária oriunda da bexiga, e é considerada uma forma de estabilização, graças a sua capacidade de eliminar toxinas e potássio acumulados, levando a melhora do estado geral e cardiológico do paciente.



Waldemar Tavares é médico-veterinário mestre em Diagnóstico Clínico e Laboratorial em Medicina Veterinária e membro da Feline Veterinary Medical Association (FelineVMA)

Ainda segundo o veterinário, a analgesia é um passo indispensável e a sondagem apenas deve ser feita quando o paciente estiver estável e sem dor. Somente após todas essas etapas pode-se submeter o felino a anestesia para passagem da sonda.

"Diretrizes atuais indicam que quanto menor o tempo de sonda, melhor será para o paciente felino. No geral, atualmente, só indicamos manter sonda em gatos com celularidade intensa e hematúria grave. Mesmo assim, o ideal é deixar o dispositivo pelo menor tempo possível", afirma Tavares.

TRATAMENTO CIRÚRGICO. Grande parte dos casos de obstrução uretral podem ser resolvidos através de manejo clínico. Porém, algumas situações requerem cirurgia, principalmente em quadros no qual não é possível realizar o manejo de dissolução dos urólitos com dieta adjuvante urinária ou quando a localização e a gravidade da obstrução configuram uma emergência.

"Um gato que persiste com obstrução em ureter pode necessitar de cirurgia para correção. Além disso, cálculos presentes na bexiga por muito tempo, que levam a inflamação ou até infecção bacteriana em vias urinárias, requerem cirurgia para remoção, seja por cistotomia ou técnicas minimamente invasivas", avalia o médico-veterinário especializado em felinos.

Já com relação ao procedimento de penectomia, Waldemar é enfático: a indicação do procedimento ocorre apenas em casos muito específicos.

De acordo com ele, antes de recomendar a cirurgia é indispensável que todo o manejo clínico e investigação minuciosa sejam realizados, incluindo analgesia em casos agudos, associada a tentativa de retirar fatores estressores e melhorar a hidratação. "Indico a penectomia somente quando há formação de cálculos com obstrução grave, ruptura, estenose ou até em quadros de neoplasias em uretra", destaca.

EVITANDO RECIDIVAS. Após solucionado o quadro de obstrução uretral, é fundamental adaptar o manejo do paciente para que não existam recidivas.

Para isso, é necessário descobrir a causa base da obstrução. Através dela pode-se estabelecer cuidados para reduzir fatores estressores e aumentar a hidratação do felino, por exemplo.

A dieta também possui um papel central nos gatos com doenças do trato urinário. O médico-veterinário explica que a grande maioria dos pacientes que mantém uma hidratação adequada, especialmente através da alimentação úmida, não sofre com quadros urinários frequentes. "Por outro lado, o ambiente tem influência direta na vida dos felinos. O estresse, como gatilho da cistite, atua de forma direta nos quadros obstrutivos. Devido a isso, criar um ambiente enriquecido é fundamental", recomenda Tavares.

Dentre os recursos mais indicados para diminuir o estresse estão a inclusão de prateleiras, áreas altas e nichos para o animal se esconder.

"Uso de feromônios sintéticos e rotina de brincadeiras predatórias, que mimetizam o dia a dia felino na natureza, deixa os gatos mais felizes e diminui a propensão ao estresse e, consequentemente, a obstrução", conclui. ◘

Foto: divulgação



Franciele Pavei | francielepavei@comunicapet.com | linkedin.com/comunica-pet

Antes da consulta, vem a pesquisa

A jornada digital do responsável pelo animal na escolha da clínica veterinária

A escolha de uma clínica veterinária raramente começa na recepção. Na maioria das vezes, ela começa muito antes, na tela de um celular. O comportamento do responsável pelo animal mudou. Hoje, ele pesquisa, compara opções, consulta avaliações e busca referências digitais antes mesmo de entrar em contato com uma clínica. Em um mercado cada vez mais competitivo, compreender essa jornada deixou de ser uma questão de marketing e passou a ser uma questão de estratégia.

Durante muitos anos, a indicação de amigos e familiares foi o principal fator na escolha de uma clínica veterinária. Ela continua relevante, mas agora faz parte de um processo mais amplo.

Hoje, a recomendação recebida costuma ser apenas o ponto de partida para uma investigação própria. O responsável pelo animal quer confirmar informações, conhecer a estrutura, entender a abordagem da equipe e avaliar se aquela clínica transmite credibilidade. É nesse contexto que a jornada do cliente ganha importância.

Ela representa o caminho percorrido desde a identificação de uma necessidade até a decisão de agendar uma consulta. E esse percurso é formado por diversos pontos de contato que influenciam a percepção da marca. Tudo costuma começar com uma demanda específica: um filhote recém-chegado, uma vacina, um problema de saúde ou a busca por acompanhamento preventivo. A partir daí, inicia-se uma fase de pesquisa.

Os mecanismos de busca são frequentemente o primeiro destino. O responsável pelo animal procura clínicas próximas, analisa comentários, verifica horários de funcionamento e observa a reputação digital do estabelecimento.

Avaliações positivas não garantem a escolha, mas a ausência delas pode gerar insegurança.

Na sequência, entram em cena as redes sociais. Mais do que canais de comunicação, elas funcionam como uma extensão da experiência da clínica.

Fotos da estrutura, apresentação da equipe, relatos de clientes e a forma como a marca se posiciona ajudam o responsável pelo animal a formar uma impressão inicial. Antes mesmo do primeiro contato, ele já começa a construir uma percepção sobre quem estará cuidando do seu pet.

Nesse processo, o conteúdo também exerce um papel relevante. Quando uma clínica compartilha orientações sobre prevenção, comportamento, nutrição ou saúde animal, demonstra conhecimento e compromisso com a educação do responsável pelo animal. Esse tipo de comunicação contribui para fortalecer a autoridade técnica da marca e gerar mais segurança na tomada de decisão.

A etapa seguinte envolve conveniência e experiência. Informações claras, facilidade de contato, respostas rápidas e processos simples de agendamento influenciam diretamente a decisão. Muitas vezes, a diferença entre duas clínicas semelhantes está justamente na experiência oferecida durante essa fase inicial. Mas a jornada não termina quando a consulta é agendada. O atendimento, o acompanhamento pós-consulta e a comunicação contínua passam a integrar a experiência. Cada interação fortalece ou enfraquece a percepção construída ao longo da pesquisa.

TUDO COSTUMA COMEÇAR COM UMA DEMANDA ESPECÍFICA: UM FILHOTE RECÉM-CHEGADO, UMA VACINA, UM PROBLEMA DE SAÚDE OU A BUSCA POR ACOMPANHAMENTO PREVENTIVO

Por isso, pensar em marketing veterinário significa olhar para todos os pontos de contato da relação. A marca não é formada apenas pela comunicação que a clínica produz, mas também pelas informações que o responsável pelo animal encontra e pela experiência que vivencia.

No mercado pet, a decisão continua sendo emocional, mas cada vez mais sustentada por informação. Porque, antes de confiar a saúde do seu animal a uma clínica, o responsável pelo animal já iniciou uma consulta silenciosa. E ela acontece no ambiente digital. ◘

Franciele Pavei é médica-veterinária e especialista em marketing estratégico para o mercado pet, tendo atuação voltada a comunicação assertiva e ao posicionamento de marcas

O PERIGO DOS CARRAPATOS EM FELINOS

ENFERMIDADE APRESENTA **LETALIDADE ELEVADA** E SINTOMAS INESPECÍFICOS DIFICULTAM O DIAGNÓSTICO

› **DANIELLE ASSIS**
danielle@dc7comunica.com.br

Muito se fala sobre as hemoparasitoses em cães, mas existe um protozoário transmitido de carrapatos para gatos que tem chamado a atenção na Medicina Felina.

O Cytauxzoon é um protozoário intracelular que infecta as células sanguíneas. Nos últimos anos, houve um aumento do número de animais infectados, colocando a cytauxzoonose em evidência.

"O aumento na identificação de gatos infectados ocorreu, principalmente, devido à maior utilização de técnicas moleculares, como o PCR. Além disso, sabemos hoje que a doença apresenta características diferentes conforme a espécie do parasito e a região geográfica", explica Polyana Paixão, médica-veterinária especializada em Medicina Felina e Oncologia e mestre em ciência animal.

Essa é uma enfermidade potencialmente fatal e atualmente no mundo são descritas cinco espécies do agente etiológico: *Cytauxzoon felis*, que ocorre nas Américas; *Cytauxzoon europaeus, Cytauxzoon banethi* e *Cytauxzoon otrantorum*, mais comuns na Europa, e *Cytauxzoon manul*, encontrada na Ásia[1].

A transmissão acontece através da picada de carrapatos infectados. Já a transmissão direta entre gatos não está comprovada como uma via importante de disseminação. Polyana comenta que, apesar de o carrapato ser considerado o principal vetor, ainda existem aspectos do ciclo epidemiológico do Cytauxzoon no Brasil que precisam ser melhor esclarecidos.

VARIEDADE DE ESPÉCIES É UM DESAFIO. Pesquisas mostram que existem diferentes genótipos ou espécies relacionadas ao gênero Cytauxzoon circulando no país. O problema é que essas diferenças podem influenciar o comportamento do parasito, incluindo sua patogenicidade. "A cytauxzoonose já foi identificada em diversas regiões brasileiras. Entretanto, a real prevalência ainda não é totalmente conhecida, principalmente porque muitos gatos podem estar infectados sem apresentar sinais clínicos ou porque a doença ainda pode ser subdiagnosticada", afirma a médica-veterinária.

Inclusive, estudos demonstram frequência mais elevada de animais positivos em determinadas regiões, especialmente naquelas onde há maior contato entre gatos domésticos, felinos silvestres e carrapatos.

Outra característica da doença é que os felinos silvestres têm um papel muito importante na manutenção do

Cytauxzoon na natureza, funcionando como reservatórios do agente. "Os gatos domésticos podem se infectar e também atuar como portadores, contribuindo para o ciclo epidemiológico", cita.

Carrapatos dos gêneros *Dermacentor variabilis* e *Amblyomma americanum* são os únicos com evidência de participação no ciclo epidemiológico ou com, pelo menos, capacidade de transmissão de Cytauxzoon. No entanto, esses resultados são referentes aos Estados Unidos, não se tendo completa ciência de quais vetores estão envolvidos na transmissão da enfermidade no Brasil[2].

Assim como acontece com muitas doenças, o principal fator de risco para a transmissão da cytauxzoonose é o acesso de gatos à rua ou ambientes externos, principalmente em áreas com presença de carrapatos e de felinos silvestres.

Já pensando em prevenção, a ausência de controle adequado de ectoparasitas aumenta significativamente o risco de infecção.

SINTOMATOLOGIA INESPECÍFICA. Felinos infectados pelo protozoário podem apresentar sinais clínicos variáveis, que costumam aparecer cerca de 11 dias após a infecção. Dentre eles estão apatia, febre, perda de apetite, perda de peso, desidratação, anemia, icterícia, aumento de linfonodos, alterações respiratórias e, em casos mais graves, comprometimento sistêmico importante. "Diferentemente do que ocorre com algumas espécies de Cytauxzoon em outros países, no Brasil muitos gatos infectados podem permanecer assintomáticos e atuar como portadores crônicos do protozoário", cita a mestre.

Por conta desses aspectos, a cytauxzoonose pode se confundir com diversas enfermidades, como hemoplasmose, erliquiose, doenças virais e outras afecções, que desencadeiam anemia, febre e comprometimento sistêmico.

Polyana destaca que, diante desse cenário, a avaliação clínica deve ser sempre associada a exames laboratoriais específicos.

DIAGNÓSTICO ASSERTIVO. Atualmente, o exame mais sensível e recomendado para diagnosticar a doença é o PCR, que permite detectar o material genético do parasito. "A avaliação do esfregaço sanguíneo também pode auxiliar na identificação das formas intraeritrocitárias, porém possui menor sensibilidade, especialmente em animais com baixa parasitemia", pontua a médica-veterinária.



Polyana Paixão, médica-veterinária especializada em Medicina Felina e Oncologia e mestre em ciência animal

No entanto, como muitos felinos são assintomáticos ou apresentam sinais clínicos inespecíficos, existe um grande risco subdiagnóstico. Além disso, a enfermidade nem sempre é incluída na lista de diagnósticos diferenciais por não ser considerada tão comum.

"O maior desafio da citauxzoonose é, justamente, a inespecificidade dos sinais clínicos e o fato de que muitos profissionais ainda têm pouco acesso ou baixa suspeita clínica da doença. A maior conscientização e a ampliação da disponibilidade de exames moleculares são fundamentais para o controle", esclarece.

PROGNÓSTICO VARIÁVEL. O tratamento de gatos com a doença depende do quadro clínico. Por muito tempo a enfermidade foi considerada potencialmente fatal, mas esse cenário se alterou ao longo dos anos. Dessa forma, em casos sintomáticos, é indicada terapia de suporte com fluidoterapia, controle da dor, suporte nutricional e tratamento das alterações hematológicas.

De acordo com Polyana Paixão, também estão sendo utilizados protocolos com antiprotozoários, mas ainda existem limitações em relação à completa eliminação do agente.

Mesmo existindo relatos de sucesso no tratamento da cytauxzoonose em gatos domésticos com dipropionato de imidocarb, pesquisas apontam maior taxa de sobrevivência com a combinação de azitromicina e atovaquona em pacientes na fase aguda[2]. "Quanto mais precoce for o diagnóstico e o início do tratamento de suporte, melhores são as chances de recuperação. Pacientes que apresentam comprometimento sistêmico grave, anemia severa e múltiplas alterações orgânicas costumam ter um prognóstico mais reservado", pontua.

Mesmo com o tratamento e a melhora dos sinais clínicos, muitos animais permanecem infectados, se tornando portadores crônicos do Cytauxzoon e podendo participar da manutenção do agente no ambiente, sendo esse um fator importante na transmissão da enfermidade. "Com isso, a principal medida preventiva é evitar o acesso dos gatos à rua e manter um controle rigoroso contra ectoparasitas, especialmente carrapatos. Também é essencial realizar consultas veterinárias periódicas, principalmente em animais que vivem em regiões com ocorrência da doença ou que têm contato com ambientes externos", conclui a mestre em ciência animal. ◘

Referências:
1. ROSA, Daniela de Cássia; RODRIGUES, Letícia Aparecida Alves. Explorando o universo da cytauxzoonose e suas implicações: uma revisão de literatura. Campo Limpo Paulista, 2023.
2. DUARTE, Matheus Almeida. Revisão bibliográfica: infecção de Cytauxzoon spp em felinos domésticos. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, 2022.

Fotos: banco de imagens C8G e divulgação



ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA

EXIGE DIAGNÓSTICO RÁPIDO E MONITORAMENTO CONTÍNUO

DISTÚRBIO HEMATOLÓGICO PODE EVOLUIR DE FORMA GRAVE E DEMANDA INVESTIGAÇÃO CUIDADOSA, TERAPIA E ACOMPANHAMENTO A LONGO PRAZO

› REBECCA VETTORE

Considerada uma das enfermidades hematológicas mais desafiadoras na clínica de pequenos animais, a Anemia Hemolítica Imunomediada (AHIM) é uma síndrome caracterizada pela destruição das hemácias ocasionada pelo sistema imune. O quadro, que resulta em anemia regenerativa de intensidade variável, pode apresentar evolução rápida, com impacto significativo sobre a estabilidade do paciente.

A hemólise pode ocorrer de forma extravascular ou intravascular, depen-

dendo do mecanismo imunológico envolvido e a enfermidade pode ser classificada como primária ou secundária, segundo Adrielle Nogueira, médica-veterinária da WeVets, pós-graduada em Patologia Clínica e Hemoterapia e especializada em Hematologia Veterinária.

"Na forma primária não é possível identificar um fator desencadeante específico, sendo atribuída à perda de autotolerância imunológica, com produção de anticorpos contra antígenos eritrocitários", explica. "Já nos quadros secundários, a resposta imunológica ocorre associada a diferentes condições clínicas. Entre as principais causas estão hemoparasitoses, neoplasias hematopoiéticas, uso de determinados fármacos, imunizações e doenças inflamatórias ou imunomediadas concomitantes."

Nos cães, destacam-se infecções causadas por *Ehrlichia canis, Babesia spp.* e *Anaplasma spp*. Em felinos, a condição é menos frequente e costuma estar relacionada a agentes infecciosos, como *Mycoplasma haemofelis*, além de retroviroses, como FeLV e FIV.

INVESTIGAÇÃO CLÍNICA E FATORES ASSOCIADOS. A identificação precoce dos fatores desencadeantes é considerada uma etapa fundamental na condução dos casos. Durante a anamnese, informações sobre deslocamentos recentes, exposição a vetores hematófagos, vacinação e uso de medicamentos nas últimas semanas podem auxiliar na investigação, de acordo com a profissional.

Neste momento também devem ser avaliados sinais sugestivos de doenças de base, incluindo aumento de linfonodos, presença de nódulos e alterações compatíveis com processos neoplásicos. "A investigação clínica precisa ser bastante criteriosa, especialmente porque muitas vezes a AHIM ocorre secundariamente a outras enfermidades que precisam ser identificadas e controladas", ressalta.

A síndrome apresenta maior prevalência em cães, principalmente entre dois e oito anos de idade. Entre as raças com maior predisposição, sugerindo influência imunogenética, estão: Cocker Spaniel, Poodle, Shih Tzu, Lhasa Apso e Old English Sheepdog.

SINAIS CLÍNICOS, EXAMES E DIAGNÓSTICO. Entre as manifestações clínicas, que variam conforme a intensidade da hemólise e a velocidade de progressão da anemia, estão as mucosas pálidas ou ictéricas, prostração acentuada, anorexia, taquipneia e colúria decorrente da presença de bilirrubina na urina.

Nos casos mais graves, a redução da oxigenação tecidual pode comprometer rapidamente o estado geral do animal. "A intensidade dos sinais clínicos geralmente acompanha o grau de destruição eritrocitária", afirma a veterinária.

O diagnóstico da AHIM depende da associação entre avaliação clínica e exames laboratoriais específicos.

Por isso, o hemograma completo, associado à contagem de reticulócitos, é essencial para determinar se a resposta medular é regenerativa.

Outro achado importante, principalmente em cachorros, é a presença de esferócitos — hemácias pequenas, policromáticas e sem palidez central.

"Já o teste de autoaglutinação salina em lâmina auxilia na identificação de anticorpos circulantes, enquanto o teste de Coombs direto permite detectar anticorpos aderidos à membrana eritrocitária", diz a especializada em Hematologia Veterinária.

Além disso, exames complementares, como PCR e sorologias, são importantes para excluir causas infecciosas secundárias. "A confirmação diagnóstica exige interpretação cuidadosa dos achados laboratoriais e correlação com o histórico clínico do paciente", destaca Adrielle.

TERAPIA E SUPORTE TRANSFUSIONAL. O tratamento da anemia hemolítica imunomediada é baseado, principalmente, na imunossupressão, em que os glicocorticóides, como a prednisolona, representam o procedimento inicial mais utilizado. Em pacientes refratários ou com resposta inadequada, podem ser associados outros imunossupressores, incluindo micofenolato, ciclosporina e azatioprina.

Outro ponto importante é a prevenção de trombose, considerada uma das principais causas de óbito associadas à AHIM. "A transfusão sanguínea possui papel de suporte, e não caráter curativo. O procedimento é indicado diante de sinais de hipóxia tecidual, como fraqueza intensa e taquicardia grave, independentemente do hematócrito apresentado", conta Adrielle.

Embora necessária em determinados cenários, a transfusão também envolve riscos relevantes, incluindo aumento da carga antigênica e agravamento da hemólise.

ACOMPANHAMENTO HEMATOLÓGICO. A resposta terapêutica positiva está diretamente relacionada à rapidez do diagnóstico e à intensidade da hemólise no momento da apresentação clínica. Por isso, casos identificados precocemente tendem a apresentar prognóstico mais favorável.

Para ter melhores resultados, o acompanhamento deve ocorrer a longo prazo, com avaliações clínicas frequentes e hemogramas seriados para monitoramento da resposta ao tratamento.

Além disso, o desmame das medicações imunossupressoras deve ser realizado lentamente, geralmente com reduções graduais a cada três ou quatro semanas, minimizando o risco de recaídas.

"O monitoramento contínuo é essencial para detectar alterações iniciais e permitir intervenções rápidas, aumentando as chances de controle da doença", finaliza a médica-veterinária. ◘



Adrielle Nogueira, médica-veterinária da WeVets, pós-graduada em Patologia Clínica e Hemoterapia e especializada em Hematologia Veterinária

Fotos: banco de imagens C8G e divulgação

ABCD DO TRAUMA

UM GUIA PARA MANEJO DO PACIENTE EM **SITUAÇÃO EMERGENCIAL**

› **REBECCA VETTORE**

Conhecido como guia de triagem para o manejo inicial do paciente em situação emergencial, o protocolo ABCD do trauma na Medicina Veterinária serve para que o atendimento de urgência e emergência seja feito da forma mais organizada e rápida possível, priorizando a correção imediata das alterações que colocam em risco a vida do animal.

Baseado nos princípios do atendimento ao trauma humano, o ABCD deve ser utilizado em serviços como atropelamentos, quedas, afogamentos, fraturas expostas, hemorragias, mordeduras, dispneias, intoxicações e convulsões.

Entrevistada para a revista **Cães& Gatos**, Amanda Xavier da Silva, médica-veterinária especializada em emergência e terapia intensiva do Hospital Veterinário Taquaral, explica que o objetivo deste protocolo é ganhar tempo e estabilizar o paciente. "Ele também serve para reduzir o risco de falhas críticas nos primeiros minutos de atendimento, além de padronizar o atendimento de toda a equipe e aumentar as chances de sobrevida do animal", conta.

A profissional ainda recomenda que o médico-veterinário evite erros críticos nos primeiros minutos, seguindo a **sequência do ABCD do trauma**. Ou seja: não inverter prioridades ou esperar exames para agir; não realizar as análises antes da estabilização do paciente seguindo o protocolo; reavaliar constantemente; manter a abordagem simples e objetiva; sempre trabalhar em equipe, quando possível, com funções bem definidas; deixar a sala de emergência organizada e com todos os equipamentos necessários.

PRIMEIRAS ETAPAS DO GUIA. No atendimento ao paciente traumatizado, a avaliação das vias aéreas é sempre o primeiro passo e, muitas vezes, é o que define o desfecho. Por isso, garantir uma via aérea patente e segura vem antes de qualquer outro procedimento, visto que é o que mantém o animal vivo tempo suficiente para

O GUIA É DIVIDIDO EM QUATRO ETAPAS SEQUENCIAIS, QUE DEVEM SER SEGUIDAS

A **Airway (vias aéreas)** Etapa no qual é avaliada a permeabilidade das vias aéreas;

B **Breathing (respiração)** Momento em que o profissional deve olhar a ventilação e a oxigenação do paciente;

C **Circulation (circulação)** No qual é necessário observar a perfusão e o estado hemodinâmico do atendido;

D **Disability (estado neurológico)** Em que é realizada uma avaliação neurológica rápida.



que o restante da avaliação aconteça.

Amanda explica que o atendimento emergencial deve começar de forma simples, observando se o cachorro ou gato está consciente, vocalizando, respirando sem esforço e se há ruídos como estridor ou engasgos.

Em seguida, é importante inspecionar a cavidade oral em busca de sangue, vômito, secreções, corpos estranhos ou fraturas, principalmente de mandíbula.

"Ao mesmo tempo, deve-se considerar a possibilidade de lesão cervical, especialmente em atropelamentos e quedas. Portanto, a manipulação da cabeça deve ser cuidadosa, mantendo o alinhamento da coluna. Se houver qualquer sinal de comprometimento, como obstrução, esforço respiratório, cianose ou rebaixamento de consciência, a intervenção precisa ser imediata", pontua a profissional.

A segunda etapa do guia tem como objetivo avaliar se a ventilação está efetiva o suficiente para manter a oxigenação adequada. Os principais sinais de comprometimento respiratório são clínicos e, muitas vezes, evidentes, sendo eles: taquipneia, bradipneia, esforço respiratório, respiração abdominal ou paradoxal, dispneia, cianose, ruídos respiratórios e ausculta pulmonar alterada.

Se o paciente estiver com a oxigenação comprometida, a primeira medida será a oxigenioterapia, que pode ser feita com máscara, fluxo contínuo, gaiola de oxigênio ou até via sonda nasal, dependendo do nível de estresse do animal.

"Muitos pacientes pioram com o estresse; por isso, oferecer oxigênio e deixá-los em posição confortável já melhora significativamente o quadro inicial. Um erro comum é subestimar alterações respiratórias iniciais ou tentar 'fechar diagnóstico' antes de estabilizar. Na prática, o raciocínio é simples: se a respiração não está eficiente, corrija primeiro. O restante vem depois", diz a médica-veterinária.

ÚLTIMAS ETAPAS DO PROTOCOLO. A parte C do protocolo ABCD é considerada uma das mais críticas, pois as alterações circulatórias, especialmente hemorragias e choque, estão entre as principais causas de morte nas primeiras horas após o trauma.

No momento desta avaliação, mucosas pálidas sugerem vasoconstrição periférica e hipoperfusão. Por outro lado, mucosas hiperêmicas podem estar presentes em fases iniciais de choque distributivo. "Nessa fase, a temperatura corporal também deve ser observada, já que a hipotermia é comum em casos de choque e está associada a um pior prognóstico. Além disso, é indispensável investigar a presença de hemorragias. As externas são facilmente identificadas por sangramentos visíveis, enquanto as internas exigem maior avaliação clínica", conta Amanda.

Sinais como distensão abdominal, dificuldade respiratória, palidez progressiva e piora hemodinâmica devem levantar a suspeita de hemotórax ou hemoabdômen.

Se confirmado o quadro, o controle da hemorragia deve ser imediato com compressão direta sobre o local. O uso de torniquetes deve ser reservado para situações extremas, com monitoramento rigoroso. Nos casos de hemorragias internas, a intervenção cirúrgica pode ser necessária.

Já a avaliação neurológica inicial, correspondente ao D, é baseada, principalmente, no nível de consciência, na resposta a estímulos e na integridade de funções neurológicas básicas do paciente.

O estado mental deve ser classificado em categorias como alerta, deprimido, estuporoso ou comatoso. "Animais alertas respondem ao ambiente, enquanto pacientes deprimidos apresentam resposta reduzida. O estupor caracteriza-se por resposta apenas a estímulos intensos, e o coma indica ausência de resposta mesmo a estímulos dolorosos", explica a médica-veterinária.

Também se deve analisar o tamanho, a simetria e a resposta à luz das pupilas, além da capacidade de locomoção.

EXAMES E AVALIAÇÃO. Amanda ainda explica que, após a estabilização inicial do paciente, a realização de exames complementares deve ser feita para identificar lesões ocultas, definir a extensão do trauma e direcionar o tratamento.

Entre as análises laboratoriais estão: hemograma, que avalia a série vermelha; a dosagem de proteínas totais e lactato, que conferem a perfusão tecidual e a gravidade do choque; e a bioquímica sérica, que serve para verificar a função renal, hepática e possíveis distúrbios eletrolíticos.



Amanda Xavier da Silva, médica-veterinária especializada em emergência e terapia intensiva do Hospital Veterinário Taquaral

Quanto aos exames de imagem, a ultrassonografia abdominal focada no trauma (A-FAST) é muito utilizada por ser rápida, não invasiva e de fácil realização à beira do leito.

A radiografia também é indicada, especialmente para avaliação de fraturas, pneumotórax, hemotórax, contusões pulmonares e deslocamentos de órgãos.

"Neste momento, um dos erros mais frequentes é a falta de priorização adequada, ou seja, não seguir a abordagem do protocolo ABCD. Muitos veterinários acabam se concentrando em lesões visíveis, como fraturas ou feridas, e negligenciam alterações fatais. Por isso, uma forma de evitar que isso aconteça é manter uma sequência lógica de avaliação, tratando primeiro o que ameaça a vida", alerta Amanda.

Entre os outros erros frequentes, de acordo com a veterinária, estão retardar intervenções essenciais à espera de exames complementares e não realizar a reavaliação contínua do paciente, que pode piorar rapidamente mesmo após uma estabilização inicial. Portanto, atenção! ◘

Foto: banco de imagens C8G e divulgação



INSTINTO DE OCULTAÇÃO DA DOR DIFICULTA A CLÍNICA DE PETS NÃO CONVENCIONAIS

› **RAQUEL NAOMI TANAKA SCADUTO**

Na natureza, animais que demonstram sinais de fraqueza tornam-se mais vulneráveis à predação, o que favoreceu o desenvolvimento de mecanismos comportamentais de ocultação de dor e enfermidades.

Esse instinto de mascaramento está intimamente relacionado à sobrevivência das espécies. Mesmo quando mantidos sob cuidados humanos em ambientes protegidos, muitos animais preservam esse comportamento adaptativo, ocultando alterações clínicas e sinais de desconforto até que a enfermidade atinge estágios mais avançados.

Além de aumentar o risco de predação, a demonstração de fraqueza pode acarretar consequências sociais para animais que vivem em grupos, como perder a posição hierárquica, ter menos acesso a alimentos e abrigo, ou até mesmo serem afastados do grupo, diminuindo suas chances de sobrevivência. Esse padrão comportamental dificulta a identificação precoce de enfermidades.

Para possibilitar a detecção prematura de doenças, os responsáveis devem estar atentos a alterações sutis no comportamento e na rotina dos animais.

Frequentemente, essas mudanças são interpretadas de forma equivocada como consequências naturais do envelhecimento ou variações de humor, postergando a busca por atendimento e comprometendo diagnóstico e tratamento adequado.

A IMPORTÂNCIA DE DECIFRAR OS SINAIS SUTIS DA DOR. No mundo selvagem, mostrar vulnerabilidade ou demonstrar dor significa se transformar em um alvo fácil para predadores. Mesmo como pets, esses animais raramente vão manifestar um mal-estar de forma óbvia, tendo mudanças drásticas na rotina, como vocalizar, mancar ou nitidamente se isolar logo no início de uma enfermidade.

Muitas vezes, o adoecimento se manifesta através de pequenos hábitos que facilmente passam despercebidos, como um animal que fica mais tempo parado e com os olhos fechados sendo confundido, muitas vezes, como estar apenas sonolento ou preguiçoso.

Em muitos casos, os animais que ficam próximos de seus comedouros para preservar energia são vistos mexendo no alimento, porém não estão ingerindo, o que resulta em emagrecimento progressivo não perceptível, principalmente em aves que o escore corporal é escondido atrás das penas.

Além disso, o corpo pode ter outros sinais sutis, seja através de pelos ou penas ligeiramente eriçadas, respiração discretamente mais curta e acelerada, ou por pequenas alterações na consistência e na frequência das fezes e da urina.

O ato de negligenciar a própria higiene, resultando em pelos opacos e emaranhados, ou de lamber-se compulsivamente até criar feridas, são fortes indícios de estresse ou dor física, assim como mudanças de temperamento, que tornam o animal irritado ou em busca de isolamento.

Outro ponto importante é que esses animais possuem metabolismo acelerado, fazendo com que a doen-

Foto: banco de imagens C&G

SINAIS DE ALERTA!

- **Penas ou pelos eriçados:** nas aves é comum o termo 'encorujada', no qual manter a plumagem eriçada com uma postura mais encolhida sinaliza uma tentativa biológica de reter o calor corporal, podendo indicar hipotermia, febre ou desconforto;
- **Asas caídas:** uma ou ambas as asas posicionadas mais abaixo da linha anatômica pode indicar dores, fraturas ou exaustão;
- **Letargia / aspecto de sono:** animal apresenta-se prostrado, com o pescoço retraído para trás junto ao corpo, cauda direcionada para baixo, fica escondido em sua toca, anda lento e se mantém isolado em um canto, sinais que sinalizam forte desconforto;
- **Perda de peso:** a perda de peso é um marcador essencial da saúde. Em animais muito pequenos, como hamsters e pequenas aves, poucas gramas representam porcentagens alarmantes do peso total e são de difícil visualização física devido à pelagem ou plumagem. A negligência no monitoramento do peso impede o diagnóstico precoce, no qual a percepção visual do emagrecimento ocorre em estágios avançados;
- **Fundo de gaiola:** aves passam a maior parte do tempo em poleiros altos, a permanência prolongada no fundo da gaiola evidencia incapacidade de sustentação ou fraqueza extrema;
- **Bico aberto:** respirar constantemente com o bico aberto indica desconforto respiratório ou estresse térmico/físico;
- **Olhos semicerrados:** olhos fechados ou semicerrados durante o dia simulam sonolência, dor e fraqueza;
- **Mudança no canto:** parar de cantar repentinamente ou apresentar alterações no tom da voz (rouquidão) aponta para problemas na siringe ou debilidade geral;
- **Automutilação:** arrancar as próprias penas ou bicar a pele obsessivamente e lambedura em excesso indicam estresse alto ou dor localizada;
- **Diminuição ou perda de apetite:** é um dos sinais mais importantes. Aves possuem o metabolismo muito acelerado e ficar poucas horas sem comer causa perda de peso rápida e perigosa;
- **Mudança nas fezes:** alteração sutil, mas extremamente importante. Alterações de cor, consistência, quantidade ou volume das fezes são alertas. Principalmente em coelhos, a diminuição da evacuação pode ser fatal;
- **Falsa hibernação:** é comum que alguns responsáveis interpretem erroneamente um estado de prostração severa como um processo natural de hibernação, especialmente em hamsters e répteis. Na maioria das vezes, trata-se de um estado de letargia induzida por fatores patológicos;



- **Alterações respiratórias:** respiração rápida, ofegante, esforço respiratório onde vemos movimentação da cauda em aves, ou esforço abdominal em mamíferos;
- **Isolamento:** o animal passa a se esconder e se mantém em cantos que não ficava antes, evitando o contato com os humanos e outros animais;
- **Agressividade e vocalização:** são as principais manifestações de dor, animal dócil que começa reagir com mordidas, reações exageradas ao toque ou ruídos ao se movimentar.

ça evolua rapidamente. Nas aves, um sinal clássico de alerta é o ato de ficar no fundo da gaiola, penas eriçadas e as asas caídas, escondendo a cabeça sob a asa mesmo durante o dia.

Já em coelhos e porquinhos-da-índia, os sinais mais alarmantes são apatia, diminuição das fezes e falta de apetite, que podem evoluir para um quadro fatal rapidamente.

Em muitos casos, o responsável é surpreendido ao encontrar o animal sem vida, afirmando que estava bem e sem nenhuma alteração no dia anterior. Porém, ele já vinha apresentando pequenos sinais que não foram notados.

Por isso, conhecer o comportamento específico de cada espécie, personalidade e rotina do animal é fundamental para poder detectar o início de uma patologia e ter um diagnóstico rápido e tratamento preciso.

O OLHAR QUE PROTEGE. Dedicar um tempo para compreender o comportamento e as características biológicas individuais do próprio animal é indispensável ao adquirir um pet não convencional, uma vez que sua fisiologia diverge dos convencionais cães e gatos.

Devido ao metabolismo acelerado dessas espécies, a evolução de quadros patológicos é extremamente rápida. Consequentemente, um descuido ou a falta de manejo adequado por apenas alguns dias, ou até mesmo horas, pode evoluir para um desfecho fatal.

A observação diária minuciosa e a manutenção rigorosa do bem-estar deixam de ser cuidados secundários e tornam-se os pilares fundamentais para garantir a longevidade e a sobrevivência desses animais em ambiente doméstico. ◘

CONFIRA AS REFERÊNCIAS PELO QR CODE AO LADO

Raquel Naomi Tanaka Scaduto,
médica-veterinária mestre em animais selvagens pela Unesp de Botucatu.
E-mail: na.tanaka@hotmail.com;
Instagram: dranaomi.medvet



FELINOS NO CENTRO DO PALCO

› DANIELLE ASSIS
danielle@dc7comunica.com.br

O mês de junho colocou os felinos em evidência e mostrou o avanço dessa especialidade na Medicina Veterinária brasileira. De 5 a 7/6, foi realizada a décima edição do Cat Congress, considerado o maior congresso de Medicina Felina no Brasil. O evento, que reuniu cerca de mil participantes, contou com uma programação científica robusta, composta pelos principais temas da clínica médica de gatos.

Com coordenação científica de Archivaldo Reche Júnior e Marcela Malvini, o congresso teve palestras ministradas por grandes nomes da Medicina Veterinária. Dentre eles, Heloísa Justen, Alexandre Daniel, Viviani De Marco, Denise Fantoni, Camila Molina Soares, Luca Santi, Juliana Gil, Romeika Reis e a americana Jessica M. Quimby, da Ohio State University.

Mais do que uma oportunidade de conhecimento, o Cat Congress também se consagra como um espaço de networking e trocas entre os participantes. Para isso, além da feira com diferentes expositores, o congresso contou com o Espaço Tree Vet, uma área pensada para garantir diversão, interação e aproximação com o público.

"Criamos esse espaço para proporcionar interação e conexão com o nosso público e como uma forma de demonstrar nosso carinho, respeito e admiração pelo esforço de cada um nesta missão de promover uma Medicina Felina de excelência", afirma Marcela.

GERIATRIA E NEFROLOGIA COMO DESTAQUES. Com auditórios cheios, as palestras do Cat Congress mesclaram diferentes aspectos da Medicina Felina.

Os desafios das multimorbidades de gatos idosos foi um dos exemplos. Ministrada por Archivaldo Reche Júnior, a palestra destacou a importância da abordagem individualizada nestes animais e defendeu que o foco do tratamento deve estar na qualidade de vida do paciente e não apenas no controle de cada doença diagnosticada. "O mais importante para um paciente idoso que tem muitas morbidades é que vocês não tenham interesse em tratar todas as doenças. Vocês devem tratar o paciente, e não a doença", aconselhou.



Marcela Malvini é médica-veterinária, organizadora e coordenadora científica do Cat Congress

Já Heloísa Justen falou sobre urolitíases em gatos filhotes. De acordo com a médica-veterinária, a formação dos urólitos é multifatorial, podendo estar associada a alterações metabólicas, predisposições genéticas, fatores ambientais e características da urina.

Para ela, como se tem conhecimento do fato de que gatos adultos não ingerem água suficiente, é necessário pensar ainda mais na prevenção da doença durante a fase de crescimento. Com base nisso, a oferta de alimentos úmidos surge como uma aliada, assim como a atenção constante.

"O paciente que forma cálculos ainda jovem possui maior risco de apresentar novos episódios ao longo da vida. Por isso, o acompanhamento e a prevenção são fundamentais", concluiu a palestrante. ◘

PARA CONFERIR A COBERTURA COMPLETA DO CAT CONGRESS 2026 E ENTENDER MAIS SOBRE ESSES TEMAS, BASTA ACESSAR O NOSSO PORTAL.

Fotos: Cães&Gatos



Gabriela Mura | Linkedin.com/gabriela-mura

O pet brasileiro virou adulto: a década que tirou o setor da fase de promessa

Por muito tempo, o mercado pet brasileiro foi tratado como uma promessa, o setor que ainda ia se firmar. Os números de 2025 mostram que esse momento ficou para trás. Hoje, o segmento de animais de companhia é parte estrutural da indústria de saúde animal.

No ano passado, esse segmento faturou perto de R$3,2 bilhões, segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan). É o maior valor já registrado e mostra um mercado que amadureceu ao longo de uma década de mudanças.

A virada fica clara na participação do pet dentro da indústria veterinária. Em 2015, cães e gatos respondiam por cerca de 17% do faturamento do setor. Dez anos depois, essa fatia chega perto de 25%. O crescimento não é só econômico. Ele acompanha uma mudança na forma como as famílias brasileiras cuidam dos seus animais.

O estreitamento da relação pet-responsável está no centro dessa mudança. Quando cães e gatos passaram a ocupar o lugar de um membro da família, a exigência com o cuidado subiu.

Cresceu a procura por consultas, medicamentos, vacinas, exames e tratamentos especializados. O afeto, que antes se restringia à convivência, hoje pesa nas decisões de consumo.

O efeito vai além do varejo pet. A profissionalização do segmento atraiu investimento em pesquisa, em novos produtos e na qualificação dos serviços veterinários. Clínicas especializadas, hospitais, planos de saúde para animais e tecnologias de diagnóstico formam uma cadeia bem mais sofisticada do que a de poucos anos atrás.

O resultado de 2025 fica ainda mais expressivo quando se olha o todo. A indústria veterinária brasileira faturou R$12,8 bilhões no ano, puxada principalmente por bovinos e avicultura.

Mesmo nesse cenário de expansão, o pet manteve um volume de negócios elevado. O segmento já não depende de surtos de crescimento para mostrar que importa, e manter o resultado também é um sinal de maturidade.

O que se vê é um mercado profissionalizado, com escala e espaço próprio dentro da indústria de saúde animal. A evolução do relacionamento entre o ser humano com os animais de companhia continua a alimentar essa demanda, com mais atenção à prevenção, ao bem-estar e aos cuidados especializados.

O cenário à frente reforça esse caminho. O responsável brasileiro está mais informado, mais exigente e mais disposto a investir na saúde e na qualidade de vida do animal. Esse comportamento abre espaço de trabalho para toda a cadeia, da indústria farmacêutica veterinária às clínicas, hospitais, laboratórios e empresas de tecnologia.

EM 2015, CÃES E GATOS RESPONDIAM POR CERCA DE 17% DO FATURAMENTO DO SETOR. DEZ ANOS DEPOIS, ESSA FATIA CHEGA PERTO DE 25%. O CRESCIMENTO NÃO É SÓ ECONÔMICO. ELE ACOMPANHA UMA MUDANÇA NA FORMA COMO AS FAMÍLIAS BRASILEIRAS CUIDAM DOS SEUS ANIMAIS

Áreas como medicina preventiva, monitoramento de doenças, exames de alta complexidade e tratamentos personalizados, já comuns em mercados mais maduros, têm muito a avançar no Brasil.

O retrato de 2025 é o de um setor que aprendeu a se sustentar. Mais maduro e organizado, o pet provou que segura seus resultados mesmo quando a economia aperta. Firmou-se como um dos pilares da saúde animal no Brasil e tem tudo para continuar no centro das próximas transformações do setor. ◘

Gabriela Mura
é diretora de mercado e assuntos regulatórios do Sindan



www.tejon.com.br | tejon@tejon.com.br | twitter.com/luiztejon | facebook.com/joseluiztejon

Dia Internacional do Vira-Lata: 31 de julho

COAUTORA: **ANA PURCHIO**

Em 31 de julho é celebrado o Dia Internacional do SRD (sem raça definida). A data tem como finalidade aumentar a visibilidade dos milhares de cães e gatos sem raça definida e popularmente chamados de vira-latas, que estão em busca de um lar em todos os lugares do Brasil.

A Conferência Brasileira de Cinofilia (CBKC) informa que cães e gatos SRD ocupam a primeira posição em popularidade e predominam nos lares brasileiros. E quem é responsável por um SRD pode confirmar: eles são uma excelente companhia para quem deseja conviver com um pet fascinante, divertido e muito carinhoso.

Diferentemente dos pets com raça definida, segundo a CBKC, "os SRDs possuem características únicas que variam de indivíduo para indivíduo. Seu porte pode ser pequeno, médio ou grande, a pelagem e coloração de todos os tipos, assim como sua personalidade, o nível de sociabilidade e interação. Essa imprevisibilidade está relacionada à mistura de raças que pode existir em sua genética".

Mas, embora haja um crescente interesse pelos vira-latas, o número de animais em situação de vulnerabilidade ainda é grande: o Brasil tem hoje 185 mil animais abandonados ou resgatados por maus-tratos sob tutela de ONGs e grupos de Protetores, de acordo com levantamento do Instituto Pet Brasil. Destes, 96% são cães (177 mil) e 4% são gatos (7.400).

De acordo com o Índice de Abandono Animal, da Mars Petcare, considerada a maior pesquisa internacional já feita sobre a falta de moradia e os fatores que contribuem para o alto número de animais de estimação nas ruas e/ou abrigos, hoje cerca de 35% dos cães e gatos no mundo, aproximadamente 362 milhões, vivem nas ruas ou estão em abrigos aguardando adoção.

No Brasil chegam a 30,2 milhões de gatos e cães em situação de vulnerabilidade. Portanto, caros leitores, adotar um cão ou gato SRD possibilita oferecer cuidados que ele talvez nunca tenha recebido até então, como abrigo, alimentação adequada, acompanhamento veterinário e, principalmente, muito carinho e amor. Vamos fazer cada um de nós uma adoção consciente! ◘

BRASIL TEM HOJE 185 MIL ANIMAIS ABANDONADOS OU RESGATADOS POR MAUS-TRATOS SOB TUTELA DE ONGS E GRUPOS DE PROTETORES, DE ACORDO COM LEVANTAMENTO DO INSTITUTO PET BRASIL

José Luiz Tejon é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Professor convidado na FGV In Company, FIA/USP e INSPER. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.

Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac e cursando Psicologia. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa da TCA Internacional e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.

DISTRITO ANHEMBI

12 A 14 AGOSTO

EVENTO OFICIAL PET+Vet

PET+VET APRESENTA

PETVET FEST EXPO 2026



FAÇA O SEU CREDENCIAMENTO

SEU ACESSO AO PRINCIPAL ENCONTRO DO MERCADO VET COMEÇA AQUI.

ESCANEIE O QR CODE

+16.500 VISITANTES QUALIFICADOS

+80 MARCAS EXPOSITORAS

PETVET FEST CONGRESSO 2026

EVENTO OFICIAL PET+Vet CONGRESSO ANMV



GARANTA SEU INGRESSO

+1.500 INSCRITOS

+100 PALESTRANTES

LEIA O QR CODE COMPRE AQUI!

DISTRITO ANHEMBI

12 A 14 AGOSTO

ORGANIZAÇÃO E PROMOÇÃO: NÜRNBERG MESSE

MÍDIA OFICIAL: VET CONECTA

EVENTO PARALELO: PET South America

Conecte-se conosco! Siga nossas redes sociais e fique por dentro das últimas novidades.

@petvetexpo

petvetexpo.com.br

Danielle Assis | danielle@dc7comunica.com.br



PESQUISA CIENTÍFICA

NOVA FORMA DE AVALIAR A COMPOSIÇÃO CORPORAL DE GATOS

UM ESTUDO desenvolvido pelo Centro de Pesquisa em Nutrologia de Cães e Gatos da FMVZ-USP (Cepen Pet) e premiado no Clinical Nutrition & Research Symposium 2026, da Academia Americana de Nutrição Veterinária, apresentou uma nova abordagem para avaliar a composição corporal de gatos.

A pesquisa intitulada "Fat and Muscle-to-Bone Ratios as Alternative Measurements for Body Composition in Cats", avaliou a utilização de dois novos indicadores obtidos por meio da absorciometria por dupla emissão de raios-x (DEXA): a razão gordura-osso (FBR, na sigla em inglês) e a razão músculo-osso (MBR).

O objetivo foi verificar se essas métricas podem representar de forma mais precisa a composição corporal dos felinos, minimizando interferências relacionadas ao tamanho corporal e ao excesso de gordura.

Para testar a proposta, foram avaliados 20 gatos adultos, sendo dez animais saudáveis e dez diagnosticados com Doença Renal Crônica (DRC). Todos passaram por exames e os resultados demonstraram que os índices músculo-osso e gordura-osso apresentaram comportamento consistente mesmo diante da heterogeneidade da amostra, sugerindo potencial para se tornarem ferramentas complementares na avaliação nutricional de felinos.

De acordo com os autores, uma das principais aplicações da metodologia está na diferenciação entre condições como obesidade e sarcopenia. A distinção desses quadros representa, atualmente, um desafio frequente na prática clínica veterinária. Além disso, os pesquisadores destacam que os novos indicadores podem contribuir para o avanço da medicina de precisão em gatos, permitindo avaliações mais individualizadas da condição corporal.

Inclusive, estudos futuros com um número maior de animais deverão aprofundar a validação dos parâmetros e explorar sua aplicação em diferentes enfermidades e fases da vida dos felinos.

O trabalho foi conduzido por Laís O. C. Lima; Gabriela P. T. Moreno; Natália M. C. Oliveira; Natacha Teixeira; Maria C. F. Pappalardo; Andressa R. Amaral; Pedro H. Marchi; Júlio C. C. Balieiro; e Thiago H. A. Vendramini. ◘

Foto: banco de imagens C8G



Com as soluções do portfólio Elanco, cães e gatos contam com opções práticas para diferentes fases, necessidades e formas de administração para se manterem protegidos contra os vermes.

Escolha a proteção e **Xô, Verme!**

para **cães**



Credeli™ PLUS

1 comprimido, 30 dias de proteção contra carrapatos, pulgas e vermes intestinais.



Drontal™ plus +sabor

Comprimido mensal com sabor carne. Proteção contra vermes intestinais e giárdia.



Drontal™ puppy

Vermífugo líquido para filhotes de cães. Proteção contra vermes intestinais e giárdia.



MILBEMAX™

Comprimido mensal. Proteção contra vermes intestinais e verme do coração.



Advocate™

Aplicação **SpotOn™** mensal. Proteção contra verme do coração, vermes, pulgas e sarnas.

para **gatos**



Drontal™ gatos SpotOn

Administração mensal. Opções em **SpotOn™** ou comprimidos revestidos. Proteção contra vermes intestinais.



MILBEMAX™

Comprimido mensal. Proteção contra vermes intestinais e verme do coração.



Advocate™

Aplicação tópica mensal. Proteção contra verme do coração, vermes intestinais, pulgas e sarnas.

Todo pet tem uma rotina.
Vermes não devem fazer parte dela.

Acesse: **ElancoVets**.com.br

Escaneie o **QR Code** para saber mais no portal **Elanco Vets**.

@elancopetsbr

Um movimento Elanco
Xô verme
para combater os vermes em pets

Advocate™, Credeli™, Drontal™, Milbemax™, Elanco e o logo da barra diagonal são marcas da Elanco ou suas afiliadas. Todos os direitos reservados. PM-BR-26-0616.


A MEDICINA
VETERINÁRIA
EM FORMA DE
NOTÍCIA.
/revistacaesgatos
/@revistacaesgatos
www.caesegatos.com.br
cães & gatos